

Sarah Pekkanen

Autora bestseller de
A Verdade Que Nos Une e Quando o Teu Coração Parou

Na Sombra da Minha Irmã



Um romance encantador sobre os laços
complicados mas insubstituíveis da família

**TOP
SEL
LER**

Para o Glenn e os nossos filhos, Jackson, Will e Dylan

PARTE UM

Sucesso

CAPÍTULO 1



Logo que abri a pesada porta de vidro da Richards, Dunne & Krantz, e percorri o longo corredor de acesso aos gabinetes da administração, reparei que havia uma luz acesa adiante.

As luzes nunca estavam acesas àquela hora da madrugada. Acelerei o passo.

À medida que me aproximava, apercebi-me de que se tratava da luz do *meu* gabinete. Tinha ido para casa por volta das quatro da manhã, para dormir uma pequena sesta e tomar um duche, mas trancara a porta do meu gabinete. Confirmara-o duas vezes. Agora estava lá alguém.

Desatei a correr, a minha cabeça a rodopiar de pânico: teria deixado o storyboard à vista de toda a gente? Estaria alguém a sabotar a campanha publicitária na qual passara semanas a trabalhar, a campanha da qual dependia todo o meu futuro?

Entreí de rompante no meu gabinete no preciso instante em que o intruso agarrava algo que estava em cima da minha secretária.

— Lindsey! Que grande susto me pregou! — resmungou a minha assistente, Donna, com uma chávena de café fumegante na mão pairando sobre a minha secretária.

— Meu Deus, peço desculpa — respondi-lhe, censurando-me mentalmente. Se algum dia recorresse aos serviços online de encontros amorosos (o que, verdade fosse dita, iria acabar por acontecer mais dia ou menos dia), teria de assinalar o tão popular quadrado «Paranoica» quando enumerasse as minhas características principais. O melhor seria comprar uma barricada para conter a enchente de solteiros nova-iorquinos que me iria procurar.

— Não esperava encontrar ninguém aqui a esta hora — disse eu à Donna, enquanto a minha respiração voltava à normalidade. Nota mental: não me posso esquecer de me inscrever num ginásio, visto uma corrida de 13 metros me ter deixado esbaforida. O melhor é nem pensar nas vezes que irei *efetivamente* ao ginásio, uma vez que ando há dois anos a lembrar-me a mim própria de o fazer.

— É um dia importante — disse a Donna, estendendo-me o café.

— A Donna é fantástica. — Fechei os olhos ensonados e bebi um trago, sentindo o líquido milagroso a fluir-me nas veias. — Estava mesmo a precisar disto. Não dormi quase nada.

— E também não tomou o pequeno-almoço, pois não? — perguntou-me com as mãos pousadas nas ancas. Ali parada, do alto do seu metro e meio, fazia lembrar uma avozinha tricoteadeira de faces rosadas. Uma avozinha que não hesitaria em levantar-se da cadeira de baloiço para ir buscar a çadeira de canos serrados, caso alguém a irritasse.

— Mais logo como um bom almoço — tentei esquivar-me, evitando os olhos da Donna.

Mesmo depois de cinco anos ainda não me tinha acostumado a ter uma assistente, em especial alguém com mais trinta anos do que eu e a auferir um terço do meu salário. Ambas sabíamos que era ela quem vestia as calças na nossa relação, mas o segredo da nossa felicidade residia no facto de fingirmos precisamente o oposto. Mais ou menos como faziam os meus pais; a minha mãe submetia-se sempre à autoridade do meu pai, depois de o ter impiedosamente forçado a adotar o ponto de vista dela.

— Vou fazer o ponto da situação com a empresa de catering — disse a Donna. — Quer que suspenda todas as chamadas para si durante a manhã?

— Se faz favor — respondi-lhe. — A não ser que seja uma emergência. Ou o Walt, da Creative; anda todo stressado com o tamanho da fonte da maquete do anúncio e tenho de o acalmar. Ou o Matt. Quero fazer mais um ensaio com ele esta manhã. E... ora bem, quem mais, quem mais... Ah, qualquer pessoa da Gloss Cosmetics, claro. Oh, meu Deus! Eles vão chegar dentro de... — consultei o meu relógio de pulso e fiquei sem fôlego — duas horas.

— Tenha lá calma, minha menina — ordenou a Donna numa voz que somente podia ser descrita como pertencendo a alguém que vestia

as calças. Foi até à sua secretária e regressou com um muffin de mirtilo dentro de um pequeno saco de papel, e dois comprimidos *Advil*. — Eu sabia que a Lindsey não iria comer, por isso comprei a mais. E está a ficar outra vez com dor de cabeça, não está? — perguntou-me.

— Não me dói muito — menti, estendendo a mão para receber os *Advil*, na esperança de que a Donna não reparasse que já roera todas as unhas. Outra vez.

Quando por fim a Donna fechou a minha porta, afundei-me na enorme cadeira de pele e bebi mais um longo e agradecido trago de café. O sol do início da manhã entrava pelas janelas atrás de mim e incidia no Prémio Clio em cima da minha secretária. Passei o dedo sobre ele para me dar sorte, tal como fazia sempre que era dia de apresentação.

Então tornei a acariciá-lo. Porque este não era um dia de apresentação qualquer. Hoje havia muito mais em jogo do que somente fechar mais um contrato multimilionário. Se eu fizesse uma boa apresentação e acrescentasse a Gloss Cosmetics à nossa lista de clientes... Fechei os olhos com força. Não podia terminar o pensamento; não queria agourar-me a mim própria.

Levantei-me de um salto e atravessei a divisão para ir contemplar os retratos dos meus mais-que-tudo, mais um dos meus rituais supers-ticiosos em dias importantes. Uma das minhas paredes estava repleta de molduras pretas simples mas dispendiosas, cada uma exibindo um anúncio de revista diferente: um pai vestido com um avental vermelho a grelhar cachorros-quentes ao ar livre; um casal betinho a mergulhar as pontas dos dedos dos pés na alcatifa nova; uma jovem executiva a reclinar o seu assento de avião em primeira classe. A reclinar-se *cheia de felicidade*.

Sorri ao recordar essa campanha. Tinham sido necessárias duas semanas e três grupos de discussão para eu optar pela palavra «felicidade» ao invés de «serenidade». Contudo, toda a minha campanha quase fora aniquilada no último instante porque a modelo que eu tinha escolhido usava exatamente o mesmo penteado que a ex-mulher do dono da companhia aérea, que o convencera de que o amor verdadeiro não precisava de acordos pré-nupciais. Se eu não tivesse avistado um tubo de gel na mala da maquilhadora e não tivesse suplicado ao cliente que esperasse mais 30 segundos, a nossa agência teria perdido um contrato no valor de dois milhões de dólares por causa de um *bob*. Os clientes eram

notoriamente volúveis, e ditava a regra que quanto mais rico o cliente, mais doido era.

O cliente com quem me ia encontrar hoje era dono de metade de Manhattan.

Peguei na maquete do anúncio para a imprensa escrita que a minha equipa criativa concebera para a Gloss e perscrutei-a pela milionésima vez, à procura de falhas inexistentes. Passara três semanas inteiras preocupada com cada pormenor da campanha, para a qual teria talvez uns dez minutos para apresentar na nossa sala de conferências dali a... Olhei para o relógio e o meu coração deu um salto.

Ao contrário das outras empresas de publicidade, era norma da minha agência esbater a divisão entre o trabalho criativo e o lado comercial dos nossos contratos. Quem queria ser bem-sucedido na Richards, Dunne & Krantz tinha de ser capaz de fazer ambas as coisas. E claro que isso significava também que toda a responsabilidade da apresentação incidia sobre mim.

O pior de tudo, o que me corroía o estômago e me fazia despertar às três da manhã nas noites em que conseguia efetivamente adormecer, era que todo o meu trabalho, todas essas maratonas de fim de semana movidas a pizza fria e a chamadas em conferência à meia-noite podiam muito bem ter sido em vão. Caso o proprietário da Gloss rejeitasse o meu anúncio (se algo tão simples como o perfume que eu estava a usar ou um adjetivo espalhafatoso das minhas provas não lhe caíssem no goto), centenas de milhares de dólares em comissões para a nossa agência escapar-se-iam por entre os meus dedos, como fumo. Certa vez um magnata japonês proprietário de uma cadeia de hotéis de luxo assistira a uma apresentação fantástica que tinha demorado dois meses a preparar e que fora supervisionada pelo próprio diretor da nossa agência (estou a falar do tipo de visão criativa que teria conquistado prémios, do género de anúncios que teria posto toda a gente a falar sobre eles), e desvalorizara-a com um resmungo, que o seu assistente traduzira alegremente como: «Ele não gosta de azul». E pronto. Não houve qualquer hipótese de mudar a cor das provas do anúncio, somente um grupo de executivos de publicidade, estupefactos com a agora supérflua capacidade de dizer «Konnichi-wa!», a ser conduzido em direção à saída, qual rebanho de ovelhas.

Engoli mais um *Advil* que fui buscar à pilha secreta que tinha na gaveta da minha secretária, da qual a Donna não tinha conhecimento,

e massajei o nó de tensão que sentia no pescoço com uma mão, ao mesmo tempo que examinava atentamente a maquete do anúncio que a minha equipa tinha criado para a Gloss.

Depois de a Gloss Cosmetics ter contactado a nossa agência no mês passado, insinuando que poderiam deixar a firma com quem estavam atualmente a trabalhar, o nosso diretor (um génio de marketing com 42 anos chamado Mason que calçava sempre *All Stars* vermelhos, mesmo quando usava smoking) mandara chamar as cinco principais equipas criativas ao seu gabinete.

— A Gloss quer dar cabo da Cover Girl — disse o Mason, bebendo de uma garrafa de *Lipton Iced Tea* (eram nossos clientes) e batendo com a sua caneta *Bic* (idem) no tampo da mesa de conferência feita de carvalho. O Mason era tão leal para com os nossos clientes que certa vez abandonara um restaurante de quatro estrelas por o chefe se ter recusado a substituir o molho de champanhe e trufas por *Kraft Ranch*. — A estratégia da Gloss é o glamour acessível a todos — continuou. — Esqueçam as princesas de Park Avenue; vamos atrás das professoras, das operárias fabris e das rececionistas.

Os seus olhos perscrutaram a plateia, fixando-nos individualmente com o olhar, e juro que ele não piscou os olhos durante quase dois minutos. O Mason fazia-me lembrar um alienígena, com a sua cabeça calva em forma de lâmpada e os olhos velados, e quando entrava nesses seus transe em que não pestanejava, eu convencia-me de que ele estava a fazer o download de dados da nave-mãe. A minha assistente, a Donna, dizia com toda a propriedade que ele tinha apenas falta de vitamina C; insistia constantemente com ele para que tentasse angariar a *Minute Maid* como nossa cliente.

— Qual foi o retorno do último anúncio da Gloss? — perguntou alguém na outra extremidade da mesa. Era a Cheryl Ordinária, com as mamas quase a saltarem-lhe do vestido branco muito justo, ao mesmo tempo que tentava alcançar uma das garrafas de *Lipton* que se encontravam no centro da mesa de conferência.

— Deixe-me ajudá-la — ofereceu-se o Matt, o subdiretor artístico, numa voz que soava perfeitamente inocente a quem não o conhecesse bem.

O Matt era o meu melhor amigo na agência. O meu único amigo verdadeiro, devo dizer; este lugar faria uma convenção de sádicos parecer acolhedora e carinhosa.

— Eu chego lá — respondeu-lhe a Cheryl de modo corajoso, atirando para trás o cabelo castanho comprido e esticando-se toda, ao mesmo tempo que o Matt me piscou o olho. Seria de esperar que ao fim de umas centenas de reuniões ela já tivesse descoberto uma forma mais fácil de molhar o bico, mas lá estava ela, semana após semana, fazendo a sua melhor imitação de uma rapariga do Hooters¹ a tentar sacar uma gorjeta. Coincidência das coincidências, tinha sempre sede no preciso momento em que fazia uma pergunta, para que todos os olhos estivessem postos nela.

— O último anúncio da Cover Girl, aquele com a Queen Latifah, teve um reconhecimento da marca na ordem dos 30 e o último da Gloss atingiu os 12, disse o Mason sem consultar qualquer apontamento. Possuía uma memória fotográfica, um dos motivos por que os nossos clientes não faziam comentários sobre os seus ténis.

Percebia-se por que razão a Gloss andava a apalpar o terreno junto de outras agências. De facto, 12 não era nada bom.

O reconhecimento da marca é uma das ferramentas mais eficazes ao dispor da publicidade. No fundo, permite-nos saber o número de pessoas que assistiu ao anúncio e o recorda efetivamente. A Cheryl, que é diretora criativa como eu, uma vez supervisionou um anúncio para comida de cão que atingiu os 41. Encomendou dezenas de balões com a inscrição «41» e encheu o escritório com eles. A subtileza, como as golas altas e largas, não faz parte do seu repertório. E juro que não o estou a dizer apenas porque nunca consegui mais de 40 (mas, para que conste, já alcancei esse número três vezes — um recorde da agência).

— Quero cinco equipas criativas a tratar disto — informou o Mason. — E quero as campanhas prontas para eu as ver de hoje a três semanas. As duas melhores farão a apresentação à Gloss.

Quando toda a gente se começou a levantar para sair, o Mason aproximou-se de mim ao mesmo tempo que a Cheryl reunia as suas coisas, fingindo que não nos estava a ouvir.

— Preciso deste cliente — disse-me ele, os seus olhos azul-claros fixos nos meus.

— O orçamento é assim tão grande? — perguntei.

¹ Hooters é uma cadeia de restaurantes norte-americana com uma clientela maioritariamente masculina e empregadas de mesa conhecidas por vestirem roupa provocadora e calçarem patins. [*N. da T.*]

— Não! São uns forretas de merda — respondeu-me, num tom jovial. — Enumera os três últimos clientes que angariámos.

— Atendimento médico ao domicílio, colchões ortopédicos e pensos protetores para adultos — apressei-me a responder.

— Fraldas — corrigiu-me ele. — Uma tendência pavorosa. Estamos a transformar-nos na agência para velhos incontinentes. Precisamos da demografia dos 18 aos 35. Consegue-me este cliente, Lindsey. — A voz dele baixara de tom e a Cheryl parara de remexer nos seus papéis. Ambas nos inclinámos na direção do Mason. — Não preciso de te lembrar o que isto significaria para ti — acrescentou. — Pensa no timing. Vamos fazer a apresentação à Gloss por altura da votação. Se conseguires isto em cima de tudo o que já conquistaste... — A frase perdeu-se no ar.

Eu sabia o que o Mason estava a insinuar. Não era segredo nenhum que a nossa agência estava prestes a escolher um novo vice-presidente e diretor artístico. O título de vice-presidente implicava um aumento de salário e todas as regalias que daí advinham: um bónus com seis dígitos, um plano de poupança reforma e motorista privado para o aeroporto. Significava que poderia comprar o meu singelo e soalheiro T1 no Upper West Side, que estava prestes a tornar-se uma cooperativa. Era sinónimo de voos em primeira classe e obscenas ajudas de custo.

Era sinónimo de sucesso, a única coisa que importava realmente para mim.

— Vou já tratar disso — respondi, saindo a correr do escritório e mergulhando no mundo da Gloss Cosmetics.

Agora estava a vir à tona pela primeira vez em três semanas.

Engoli mais café e acabei de examinar minuciosamente o meu anúncio. Algo tão simples como uma gralha poderia ser a morte do artista, mas o nosso anúncio estava limpo. Esse anúncio era o meu bebé das três da manhã, nascido da pecaminosa aliança entre demasiada cafeína, um pacote inteiro de batatas fritas (mas comido em pequenas doses, com o pacote devidamente fechado e arrumado na despensa, entre mãos-cheias) e a minha amiga de confiança, a insónia. A Gloss queria roubar uma boa parte do mercado da Cover Girl, mas não queria pagar modelos famosos como a Halle Berry e a Keri Russell. Eu estava a proporcionar-lhes o melhor dos dois mundos.

O Mason tinha ficado encantado com ele; agora só me faltava conseguir vender o produto ao dono e CEO da Gloss. Olhei novamente para

o relógio. Faltavam 96 minutos para a limusina deles estacionar diante do nosso edifício. Eu estaria lá em baixo dentro de 76 minutos, à espera para os receber.

Premi o botão do intercomunicador:

— Donna? A empresa de catering já chegou?

— Não acha que eu já lho teria comunicado se não tivesse chegado? — respondeu-me, irritada. Detesta quando me antecipo. — Mas olhe que compraram uvas *Concord* vermelhas.

— Merda! — Levantei-me tão depressa que atirei o café ao chão. Tirei um molho de guardanapos da primeira gaveta e limpei-o. — Vou num instantinho à mercearia...

— Tenha calma — retorquiu a Donna. — Eu já fiz isso. Temos uvas brancas sem grainha no congelador. Estarão prontas muito a tempo.

Uvas vermelhas em vez de brancas. As coisas simples têm o poder de aniquilar uma carreira.

— Obrigada — sussurrei, ao mesmo tempo que o meu coração desacelerava o seu ritmo alucinante. Fui buscar mais um *Advil* e prometi a mim mesma, com a sinceridade de uma drogada de rua, que seria a última vez. Pelo menos até à hora de almoço.

Nunca era demais estar bem preparada. Eu e a Cheryl tínhamos conseguido as duas oportunidades de apresentar as nossas campanhas à Gloss, e ela era um fator imprevisível. Muitas das suas campanhas eram pouco inspiradas, mas quando acertava, era fantástica. Eu estava ansiosa para espreitar o seu storyboard, mas sabia que ela estava a vigiá-lo, qual refém. Assim como eu vigiava o meu.

A Cheryl tinha 33 anos, 4 anos mais velha do que eu, e trabalhava muito. Mas eu trabalhava ainda mais. Vivia, respirava e dormia a pensar no meu trabalho. A sério — se não fossem os acessos de reprovação da Donna sempre que reparava na marca da almofada do sofá na minha cabeça, mal teria motivos para ir para casa no final do dia. Apesar de morar em Nova Iorque há sete anos (desde que a Richards, Dunne & Krantz tinha levado a cabo uma sessão de recrutamento na Universidade Northwestern e me tinha feito uma oferta), só fizera um amigo a sério na cidade: o Matt. O meu trabalho não me permitia tempo para nada nem para ninguém.

— Lindsey? — A cabeça da Donna espreitou pela porta do meu gabinete. — É a sua mãe ao telefone. Diz que está no hospital.

Peguei rapidamente no auscultador do telefone. Teria acontecido alguma coisa ao meu pai? Eu sabia que reformar-se do governo federal não lhe faria nada bem; já tinha iniciado uma guerra de jardinagem com o vizinho do lado, o Sr. Simpson. Quando fora passar o Dia de Ação de Graças a casa (há dois anos; o ano passado faltei porque tive de montar uma campanha de última hora para uma estância de férias em Santa Lúcia que tinha sofrido uma queda nas reservas), vira-me obrigada a impedir fisicamente o meu pai de subir a um escadote e serrar todos os ramos das árvores do Simpson no sítio onde estes transpunham o limite da nossa propriedade.

— Oh, querida, não vais acreditar. — A minha mãe suspirou fundo. — Comprei uma subscrição da revista *O* no mês passado, lembras-te?

— Siim — menti, interrogando-me como é que essa história poderia culminar numa corrida desenfreada para o hospital para suturar o braço do meu pai.

— Comprei a edição de novembro e preenchi o cartão de subscrição que vinha lá dentro — explicou a minha mãe, preparando-se para uma longa conversa. — Estás a ver aqueles cartõezinhos que estão sempre a cair das revistas e a fazer uma bagunça? Não percebo porque é que põem tantos lá dentro. Devem pensar que ao vermos muitos nos convencem a avançar com a subscrição da revista. — Ela fez uma pausa, em jeito de reflexão. — Mas foi exatamente isso que eu fiz, por isso quem sou eu para atirar a primeira pedra, não é?

— Mãe... — Encaixei o auscultador entre o ombro e o ouvido e masajei as têmporas. — Está tudo bem?

A minha mãe suspirou.

— Acabei de receber a minha primeira revista *O* hoje e é a edição de novembro! A qual, como é óbvio, eu já tinha lido. — Ela baixou a voz para um sussurro conspiratório: — E o teu pai também, mas faz de conta que eu não te disse nada. Ou seja, só vou receber 11 revistas quando paguei 12.

— Lindsey? — Era a Donna outra vez. — Está aqui o Matt. Quer que o mande entrar?

— Se faz favor — pedi-lhe eu, cobrindo o bocal.

A minha mãe continuava a falar.

— É quase como se estivessem a tentar enganar-me, porque dizem «Poupe 14 dólares no preço de capa», mas se recebermos duas cópias

da mesma edição e pagarmos as duas, então só poupamos 10,45 dólares mais imposto, sei-o porque o pai fez as contas, portanto...

— Mãe — interrompi-a —, estás no hospital?

— Sim — respondeu a minha mãe.

Pausa.

— Hum... mãe? — disse eu. — E porque é que estás no hospital?

— Vim visitar a Sra. Magruder. Não te lembras de que ela fez uma operação à anca? Vai estar seis semanas sem poder subir escadas. Na última vez que aqui estive reparei que a sala de espera só tinha cópias da *Gold Magazine* e da *Highlights*, e pensei: Não faz sentido nenhum ficar com duas cópias da revista *O*. Talvez outra pessoa possa desfrutar dela. Além de que traz uma receita para um cheesecake light. O segredo está na compota de maçã, imagina só!

— Mãe, eu trato disso. — Interrompi-a imediatamente antes de a pressão que sentia na cabeça começar a fervilhar e a apitar, qual chaleira. — Ligo diretamente para os escritórios da Oprah.

O Matt entrou no meu gabinete, com uma sobranceira arqueada. Envergava um blazer preto que combinava bem com o seu cabelo escuro encaracolado. Tinha de lhe dizer que o preto lhe assentava muito bem, pensei para os meus botões, distraída.

— Obrigada, querida — respondeu a minha mãe, soando ligeiramente desiludida com o facto de não poder tirar mais partido da situação. — É tão bom ter uma filha que conhece as pessoas certas.

— Aproveita e diz ao Stedman² para irmos outra vez à pesca um dia destes — sussurrou-me o Matt, ao mesmo tempo que eu simulava uma arma com o indicador e o polegar, alvejando-o no peito.

— A propósito, já sabes da Alex? — perguntou-me a minha mãe.

Devia ter percebido que era impossível terminarmos a conversa sem uma referência à minha irmã gémea. Sempre que me elogia, a minha mãe tem de dizer algo simpático sobre a Alex. Às vezes interrogo-me se eu e a Alex seremos tão competitivas por a nossa mãe ser tão meticulosamente justa na forma como nos trata. *Provavelmente*, pensei, reconfortada por poder responsabilizar os meus pais pelos meus fracassos pessoais.

Suspirei e olhei para o relógio com os olhos semicerrados: 58 minutos.

² Stedman Graham é o companheiro da Oprah Winfrey. [N. da T.]

— Oprah — disse o Matt simulando estar a morrer e rebolando-se no chão do meu gabinete, agarrado ao peito. — Prepara a tua Equipa de Anjos³. Estou a ver... uma... luz... branca.

— A estação televisiva vai aumentar os segmentos da Alex! — disse a minha mãe. — Vai passar a estar no ar às quartas e sextas, em vez de só às sextas. Não é fantástico?

Quando as pessoas descobrem que tenho uma irmã gémea, a primeira coisa que me perguntam é se somos idênticas. A não ser, como é óbvio, que nos vejam juntas e, nesse caso, franzem o sobrolho, semicerram os olhos e quase se consegue ouvir os seus cérebros confusos ao mesmo tempo a balbuciar: «Gémeas? Mas... Mas... não são nada parecidas».

Eu e a Alex somos precisamente o oposto de idênticas. Sempre achei que me pareço com o desenho infantil de uma pessoa: linhas castanhas retas para o cabelo e as sobrancelhas; olhos, nariz, boca e ouvidos nos sítios certos e nos tamanhos certos. Nada de especial; apenas algo para afixar na porta do frigorífico, antes de este ficar coberto de listas de compras, e relatórios escolares. Deixado ao esquecimento. Em contrapartida, a Alex... Bem, não há outra palavra para a descrever: ela é pura e simplesmente linda. Deslumbrante. De cortar a respiração. Esplendorosa. Afinal de contas, há mais palavras para a descrever.

Começou a trabalhar como modelo no secundário, depois de ter sido abordada por um caçador de talentos no centro comercial, e embora nunca tenha feito nome em Nova Iorque por apenas medir 1,70 m, recebe muitas ofertas de trabalho na nossa terra natal — Bethesda, nos subúrbios de Washington D. C. Há uns anos, consegui um trabalho a tempo parcial para a afiliada da NBC, para fazer a cobertura dos mexericos sobre celebridades (ou «entretenimento», como ela gosta de lhe chamar). Durante três minutos por semana (seis, agora que o seu segmento foi duplicado) surge em frente às câmaras, a conversar com os críticos de cinema e a entrevistar estrelas que estão a filmar o mais recente thriller policial em D. C.

Eu sei, eu sei, já vos estou a ouvir perguntar como é que ela é. Toda a gente quer saber como é que ela é. A Alex é ruiva, mas não do género Ronald McDonald, com sardas que mais parecem ter sido espalhadas

³ Jogo de palavras com «Angel Network», uma associação de beneficência presidida pela Oprah Winfrey. [N. da T.]

pelo Jackson Pollock. O seu cabelo comprido possui uma tonalidade vermelho-escura e brilhante, e, dependendo da luz, exhibe uns reflexos dourados, cor de caramelo e chocolate. Não consegue percorrer um quarteirão sem que uma mulher a aborde, suplicando-lhe que lhe dê o nome da pessoa que lhe pinta o cabelo. Mas a cor é natural, claro. A sua pele desafia todas as leis de pigmentação dos ruivos, bronzeando-se de forma uniforme e fácil, os olhos amendoados são de uma cor situada precisamente entre o azul e o verde, e o nariz é retilíneo e indistinto, como todos os narizes que se prezem devem ser. O meu pai ainda consegue vestir as calças que usou no secundário; a Alex herdou o metabolismo dele. A minha mãe provém de uma longa linhagem de robustos cultivadores de milho da região Centro-Oeste; eu herdei o dela. Mas sem ressentimentos.

— Logo telefono à Alex para lhe dar os parabéns — disse à minha mãe.

— Ah, e ela já contratou o fotógrafo para o casamento — respondeu a minha mãe, preparando-se para mais uma longa e irrelevante conversa. O casamento iminente da Alex tinha o poder de ocupar as nossas linhas telefónicas durante várias horas.

— Tenho de ir — interrompi-a. — Vou ter uma manhã muito importante. Estou a tentar fechar um novo contrato e os clientes chegam esta manhã de avião, de Aspen.

— De Aspen? — perguntou a minha mãe. — São esquiadores?

— As pessoas verdadeiramente ricas não vão para Aspen para esquiar — retorqui. — Vão para conviver com outros ricos. Os meus clientes são donos da mansão ao lado da do Tom Cruise.

— São estrelas de cinema? — exclamou a minha mãe numa voz estridente. A mulher adora a sua revista *People*. E o meu pai também, embora jamais o admita.

— Melhor ainda — respondi-lhe. — São bilionários.

Desliguei o telefone e dei uma dentada no muffin de mirtilo, mas fiquei com a boca a saber a pó. A culpa não era do muffin; era do pensamento desagradável que me incomodava, qual comichão. Mencionara a apresentação à minha mãe para que ela fizesse chegar o recado à Alex: *És mais bonita, mas não te esqueças de que eu sou mais bem-sucedida*. Não me interpretem mal — eu adoro a minha irmã (consegue ser generosa, sincera e divertida) —, mas não há ninguém que me deixe mais em

brasa do que a Alex. Quando estou perto dela, pareço um churrasco em pleno feriado nacional. Somos o oposto uma da outra, sempre fomos. É como se o nosso ADN se tivesse reunido no útero para proceder à distribuição dos bens: «Troco os meus filamentos de atração sexual por uma dose dupla de capacidades de organização», devem ter dito os meus genes. «Combinado», devem ter respondido os genes da Alex. «E se assinares este documento de renúncia a umas pernas compridas, poderás ficar com a minha ética laboral também».

Se a Alex e eu não fôssemos da mesma família, não teríamos absolutamente nada em comum. O problema é que a Alex não se limita a agarrar a atenção das pessoas, ela atira-a ao chão, põe-se em cima dela e domina-a de tal maneira que esta fica impossibilitada de escapar. E nem sequer é culpa dela; a atenção das pessoas *deseja* ser dominada por ela. A atenção das pessoas rende-se-lhe por completo. As pessoas ficam deslumbradas com a Alex. Os homens enviam-lhe tantas bebidas nos bares, que é de admirar que ela ainda não esteja inscrita nos Alcoólicos Anónimos; as mulheres olham-na rapidamente de cima a baixo e memorizam a sua indumentária, jurando comprá-la porque se lhes assentar nem que seja metade tão bem como a ela...; até os bebés rabugentos param de chorar e exibem os seus sorrisos cheios de gengivas assim que a veem atrás deles na fila do supermercado.

Se a Alex não fosse minha irmã, provavelmente eu não seria tão determinada. Mas aprendi há muito que é fácil passarmos despercebidas quando temos alguém como a Alex por perto. De certa forma, ela tornou-me a pessoa que sou hoje.

Afastei o muffin para o lado e olhei de relance para o Matt. Estava deitado em cima do meu sofá, com uma perna pendurada no braço do mesmo, meio a dormir. O facto de conseguir sempre manter a calma no caos e no frenesi que era a nossa agência constituía um verdadeiro mistério. Teria de lhe pedir para partilhar o segredo comigo. Quando tivesse tempo, o que não era o caso, uma vez que devia marcar presença no piso inferior dentro de 44 minutos. O Mason ia deixar-me receber os clientes, uma vez que a minha apresentação era a primeira e a Cheryl acompanhá-los-ia ao carro no final.

— Podemos revê-la mais uma vez? — supliquei-lhe.

— Ontem revemo-la 12 vezes — lembrou-me o Matt, com um bocejo. Abriu um olho castanho ensonado e olhou para mim.

— Tens razão, tens razão — respondi, alinhando os lápis em cima da minha secretária num ângulo direito perfeito com o agrafador. — Também não quero parecer demasiado ensaiada.

— Deixa-te de coisas, sua obsessiva-compulsiva — disse o Matt, levantando-se do sofá e dando uma dentada no meu muffin. — Hum... Como é que consegues não comer isto?

— Comi uma tigela de *Advil* ao pequeno-almoço — retorqui. — Tem imensa fibra.

— És um caso perdido — respondeu-me ele. — A que horas é a festa logo à noite?

— Às sete e meia — disse eu. — A Pam vem?

A Pam era a nova namorada do Matt. Ainda não a tinha conhecido, mas estava ansiosa por isso.

— Sim — respondeu-me.

Nessa noite seria a festa de Natal da nossa empresa.

Nessa noite seria também anunciado o nome do novo vice-presidente e diretor criativo.

— Estás nervosa? — perguntou-me o Matt.

— Claro que não — menti.

— Afasta-te dos *Advil* — ordenou o Matt, dando-me uma palmada na mão quando esta alcançou a gaveta da secretária num gesto instintivo. — Vamos levar os teus storyboards para a sala de conferências. Sabes bem que vais arrasar, Sra. Vice-Presidente.

E foi assim que o nó de ansiedade que eu sentia no estômago se soltou ligeiramente. Como já disse, o Matt é o meu único amigo verdadeiro na empresa.

CAPÍTULO 2



Assim que a limusina parou diante do nosso edifício 40 minutos atrasada, corri para o passeio e esbocei um sorriso de boas-vindas. Esperava estar com bom aspeto. Optara por um visual profissional e eficiente, o que fora uma sorte, uma vez que esse era o único tipo de roupa que o meu roupeiro era capaz de fornecer. Um fato *Armani* preto clássico, com uma blusa de seda sem mangas cor de marfim e umas sandálias pretas. Tinha o cabelo preso no puxo habitual e os meus brincos eram pérolas envolvidas por pequenos diamantes; um presente que ofereci a mim mesma por ocasião do meu vigésimo nono aniversário, no mês passado. Básicos, era um facto, mas eram também uma forma de jogar pelo seguro. A ideia era que os meus clientes ficassem deslumbrados com o meu trabalho e não comigo.

— Sr. Fenstermaker? É um prazer conhecê-lo. — Cumprimentei o diretor do império Gloss como se ele fosse o Príncipe William, ao mesmo tempo que ele resmoneava e o seu corpo atarracado emergia da limusina.

— E esta deve ser a Sra. Fenstermaker.

Como se não tivesse lido meia dúzia de artigos sobre os Fenstermakers e não tivesse estudado as suas fotografias com tanto cuidado, que era capaz de os identificar num alinhamento de entre milhares! Ele mais parecia um talhante de Brooklyn do que um fornecedor de glamour multimilionário, mas a sua esposa (já era a terceira) compensava por esse facto. Fazia lembrar uma vilã dos filmes do James Bond, o tipo de loura fria, capaz de rasgar a jugular a um homem com um único golpe de unha. Ele apertou a mão que lhe estendi e ela passou por mim com um

aceno da cabeça, os óculos de sol *Prada* demasiado grandes firmemente no lugar.

— Espero que não tenham apanhado muito trânsito desde o aeroporto — disse eu enquanto eles entravam no edifício, atravessavam o chão de mármore brilhante e entravam no elevador. Ele tornou a resmonear e ela nem se deu ao trabalho de me responder. Detesto silêncios constrangedores no elevador, mas pelos vistos os *Fenstermakers* não eram da mesma opinião, pelo que o silêncio constrangedor dos elevadores passou a ser o meu novo amigo do peito.

— Irei apresentar-vos a primeira campanha — disse eu quando eles saíram do elevador. — Contaremos com a presença de Mason Graham, o diretor da nossa agência e que os senhores já conhecem. Mas primeiro deixem-me oferecer-vos algo para beber.

Levei os *Fenstermakers* para a nossa sala de conferências de formato oval, cujas paredes de vidro proporcionavam uma vista maravilhosa sobre a cidade. Apesar de a ter visto inúmeras vezes, continua a deixar-me sem fôlego. Diretamente abaixo de nós viam-se táxis amarelos a entrarem nas filas de trânsito e massas de gente a comprarem *pretzels* salgados e quentes a vendedores ambulantes, a falarem ao telemóvel aos gritos e a ignorarem os semáforos ao atravessar as ruas. Dedos do meio surgiam aqui e ali, turistas tiravam fotos, pombos arrulhavam, e via-se uma multidão em torno de dois tipos vestidos de toga que batiam em baldes de plástico virados ao contrário, servindo de tambores. Já os tinha ouvido antes; eram mesmo bons. Se olhássemos com atenção no sentido norte, veríamos o oásis verde que era Central Park, cheio de trilhos, de parques para cães, fontes, parques infantis e o melhor teatro ao ar livre do mundo.

A cidade de Nova Iorque — a confusa e pulsante cidade gloriosa das possibilidades — estendia-se aos nossos pés. Mas os *Fenstermakers* nem sequer olharam para a vista. Muito provavelmente tinham tido uma paisagem melhor do seu jato privado, que eu lera algures que estava equipado com uma marquesa para massagens, uma seleção de uísques *single malt* raríssimos e cabines de duche para ele e para ela, com seis chuveiros cada. A Sra. *Fenstermaker* quisera um jacúzi, mas a Administração Federal de Aviação dissera-lhe que o peso poria em risco a aeronave. Segundo constava, ela tinha reagido tão bem como uma criança de dois anos cheia de sono perante a palavra «Não».

Foi com alegria que constatei que o meu storyboard e a maquete do anúncio continuavam posicionados em cima dos cavaletes e cobertos com panos. Não me admiraria nada que a Cheryl tivesse tentado roubar o meu material da apresentação. Sim, já passara por isso. Tinham desapparecido uns anos antes e eu fora descobri-los num contentor do lixo 15 minutos antes do início da minha apresentação. A Cheryl culpa o tipo da manutenção, mas na verdade ela emanava um cheiro suspeito a ovos podres e a jornais molhados nesse momento. (Talvez já não fosse preciso assinalar a caixa «Paranoica» nas características de personalidade. O mais certo era já ter sido promovida a «Viciada no trabalho, neurótica, celibatária e obsessiva». O melhor seria contratar um guarda-costas para conter a horda de homens interessados em mim...)

— Expresso? — balbuciou o Sr. Fenstermaker, ao mesmo tempo que se sentava.

Eu tinha lido que ele era tão frugal com as palavras como com o dinheiro, pelo menos no que dizia respeito a tudo o que não fossem os seus brinquedos pessoais.

— Com certeza — repliquei, agradecendo mentalmente ao artigo da revista *New York* do ano anterior por ter mencionado que ele vivia à base de café expresso.

Deitei um pouco de café do termos prateado numa chávena de porcelana e acomodei um pedaço de casca de limão no pires. Virei-me para a Sra. Fenstermaker, que olhava fixamente para o seu batom vermelho-sangue refletido no seu espelho de bolso como se este tivesse acabado de a insultar.

— Continua a preferir *Pellegrino* à temperatura ambiente? — perguntei-lhe.

Ela fechou o espelho com toda a força e contemplou o buffet de madeira cintilante onde eu tinha reunido algumas das coisas favoritas do casal; *bagels* com salmão fumado e queijo creme com ervas para ele, uvas orgânicas congeladas para ela. Uvas brancas, com a graça de Deus! Também tinha encomendado croissants, muffins, fruta exótica às fatias e sumos naturais acabados de fazer a uma das melhores pastelarias da cidade, para o caso de a assistente do Sr. Fenstermaker me ter enganado quando eu lhe ligara a perguntar sobre as suas preferências gastronómicas. E a Donna estava a postos, pronta para acudir a quaisquer pedidos adicionais que pudessem surgir.

Os meus lábios sorridentes estavam pintados com uma camada fresca de *Cherrybomb*, e um odor a *Heat*, a imagem de marca da Gloss, perfumava a divisão. Uma jarra de cristal com orquídeas roxas importadas da Tailândia (a flor favorita da Sra. Fenstermaker, segundo a sua secretária pessoal) encontrava-se posicionada no centro da mesa de conferências.

A Sra. Fenstermaker olhou para mim pela primeira vez. Penso que olhou... Tinha voltado a pôr os óculos de sol depois de ter examinado o batom, mas o seu rosto estava virado na minha direção.

— É sempre assim tão metódica? — perguntou-me, soando mais entediada do que propriamente curiosa.

O Mason entrou na sala de conferências nesse preciso instante, os seus ténis *Converse All Star* chiando no chão de madeira.

— Garanto-lhe que sim — disse ele. — A Lindsey é uma das nossas melhores colaboradoras. Com ela estará em ótimas mãos e vai adorar o que ela tem preparado para vos apresentar. Sei que são pessoas muito ocupadas, por isso vamos já direitos ao assunto.

Voltou-se para mim:

— Estás preparada?

Acenei com a cabeça e dirigi-me para a cabeceira da mesa. O sol tinha acabado de irromper por entre uma nuvem e a sala foi inundada de luz. Pareceu-me ser um bom augúrio. A cabeça latejante, o pescoço tenso, as unhas tão roídas que me faziam doer os dedos e o corpo que ansiava pelo sono — tudo isso se dissipou assim que os olhos de três pessoas poderosas se voltaram na minha direção. Estavam à espera de ouvir o que eu tinha para lhes dizer, à espera de que os deslumbrasse com as minhas capacidades, a minha inteligência e a minha organização. O sabor desagradável que sentia na boca por causa do muffin desaparecera. Agora já só me sabia a vice-presidência.

Três minutos decorridos da minha apresentação e as coisas estavam a correr melhor do que eu tinha esperado. Acabara de retirar o pano que cobria a minha maquete do anúncio, revelando uma fotografia ampliada da Angelina Jolie a fitar a objetiva com uma expressão ardente. Tinha os lábios sensuais ligeiramente franzidos e a sua famosa cabeleira preta

estava afastada do rosto, graças a duas ventoinhas de pé que eu passara meia hora a ajustar para a sessão fotográfica, que se estendera até às duas da manhã do sábado anterior.

Só que não se tratava realmente da Angelina. Não se esqueçam de que as pessoas da Gloss eram umas forretas. Eu tinha encontrado uma sócia da Angelina na agência de modelos Elite, uma rapariga russa de 14 anos que não falava inglês e que se fazia acompanhar do pai rezingão para todo o lado, este sempre à espreita dos fotógrafos munidos de cocaína que ouvira dizer que abundavam na América. A desgraçada da maquilhadora ainda estava a recuperar do choque depois de lhe ter oferecido um *Tic Tac*.

O texto que legendava a maquete era simples e atrevido: «Aquele não é a...?»

E mais abaixo, em letras mais pequenas: «Não, mas você pode ter os mesmos lábios de passadeira vermelha que ela. Basta usar o *Cherrybomb* da Gloss e ficar à espera dos olhares estupefactos. Não inclui o clone do Brad Pitt.»

Os cantos da boca do Sr. Fenstermaker estremeceram ao ler o texto. Os óculos de sol da Sra. Fenstermaker continuavam virados na minha direção, o que eu pressentia ser um grande triunfo.

— Lançaremos o anúncio na imprensa escrita e os spots de 30 segundos na televisão em simultâneo — disse eu com a voz carregada de confiança e a postura muito direita. — Recomendo uma saturação inicial nas cidades da região Centro-Oeste: Chicago, Indianápolis, St. Louis. Criaremos grupos de discussão para testar a atratividade de diferentes celebridades em cada mercado e corrigir cada campanha antes de a lançarmos a nível nacional. Se a Jennifer Garner tiver uma boa aceitação em Iowa, esse será o anúncio que iremos correr em Des Moines.

Destapei o meu storyboard para o spot de 30 minutos em televisão. Mostrava uma rapariga perfeitamente vulgar (nem imaginam quão estranhamente vulgar é a maioria dos modelos sem maquilhagem) a mandar uma boca à Cover Girl: «É claro que as atrizes são lindas; são pagas para terem uma pele perfeita. Mas e o resto das mulheres?».

Uma passagem rápida da câmara para o estojo de maquilhagem dela (cheio de produtos da Gloss nas suas conhecidas embalagens e frascos pretos e prateados) e *voilà...* A nossa rapariga vulgar transforma-se,

graças ao milagre do rímel moderno, numa sóia da Jennifer, ao mesmo tempo que uma voz em *off* anuncia o nosso slogan: *Gloss: Maravilhosa Todos os Dias*.

— Quando levamos a campanha às regiões costeiras — continuei —, poderemos considerar as associações à televisão. A Drew Barrymore está a produzir uma nova série para a HBO sobre colegas numa revista de moda. Será *O Sexo e a Cidade* desta década. Vamos ter de fazer um acordo para a colocação do produto.

— Quanto é que isto me vai custar? — resmungou o Fenstermaker. *Provavelmente menos do que o jacúzi que acabou de cancelar*, pensei.

— Oito milhões na fase inicial — respondi-lhe, certificando-me de que a minha voz não perdia a firmeza.

— E garante-me que os recupero? — perguntou ele.

— Penso que o nosso historial fala por si — repliquei. — Não o podemos ajudar a ganhar mais dinheiro sem antes gastar algum dinheiro.

O Fenstermaker tornou a resmungar. Tinha um pedaço de queijo creme na ponta do seu nariz bolboso.

— Era capaz de jurar que aquela era a Angelina — disse ele, quase a falar para os seus botões, ao mesmo tempo que olhava novamente para a minha maquete. — Conhecia-a na semana passada. Queria que eu fizesse um donativo para um orfanato qualquer.

Fez um gesto depreciativo com a mão, como se o orfanato fosse uma mosca chata que ele estava a tentar enxotar.

— Cada segundo que o nosso público-alvo passa a olhar para este anúncio, tentando perceber se é realmente ela ou não, equivale a tempo para o nome «Gloss» ficar gravado no seu subconsciente — disse eu. — As letras pequenas serão tão pequenas quanto o nosso departamento legal o permitir.

Estava a chegar ao final da minha apresentação. Dirigi-me para uma fila de três cavaletes e levantei os respetivos panos, revelando três fotografias.

— Estudos feitos junto de cirurgias plásticas revelaram que as mulheres querem a boca da Angelina, os olhos da Keira Knightley e as maçãs do rosto da Cameron Diaz — expliquei eu, fazendo sinal para as fotos ampliadas de cada uma dessas celebridades. — Na parte de trás de cada embalagem de um produto cosmético da Gloss teremos um diagrama a ensinar as mulheres a replicar o visual da sua celebridade favorita.

Por exemplo, a Keira usa rímel preto e sombra em tons de castanho-pêssego para a maioria dos eventos de passadeira vermelha. Essas cores já fazem parte do arsenal da Gloss, o que significa que não haverá necessidade de fazer pesquisa nem desenvolvimento, e todos sabemos que é nessas duas coisas que se gasta muito dinheiro. Aquilo que faremos é mudar a embalagem e o marketing desses mesmos produtos.

Regressei ao topo da mesa e olhei diretamente para o Sr. Fenstermaker. Sabia que era ele quem tomava as decisões; desistira da faculdade no último ano e construíra o seu império de raiz. Por trás daquele exterior de buldogue havia um cérebro brilhante.

— Não estamos só a vender batom — disse-lhe eu, baixando a voz e falando devagar. Era agora; eu estava a passar o meio-campo e a correr em direção à baliza com tudo o que tinha. — Estamos a realizar os sonhos de infância de todas as mulheres da América. Todas vão poder transformar-se em estrelas de cinema.

O Fenstermaker acenou com a cabeça e engoliu um segundo *bagel* sem sequer parecer mastigá-lo.

— Têm alguma questão? — perguntei. — Não? Foi um prazer.

Dessa vez o Fenstermaker estendeu a mão primeiro para apertar a minha. Tratou-se de um pormenor subtil, mas percebi que o Mason tinha reparado. Acenei com a cabeça, sorri para a Sra. Fenstermaker e dirigi-me para a porta.

— Bom trabalho, Lindsey — sussurrou-me o Mason quando passei por ele.

Assim que saí da sala de conferências perdi o controlo. O pânico nunca me assalta quando estou a discursar ou a fazer uma apresentação para um cliente, mas assim que termino, começo a tremer e fico com a boca seca.

— Como é que correu? — perguntou-me o Matt mal entrei a camalear no seu gabinete, que ficava diretamente em frente à sala de conferências.

Deixei-me cair numa cadeira e pus a cabeça entre os joelhos.

— Assim tão bem? — indagou ele, pousando as provas das fotografias de perus (o Matt estava a trabalhar na campanha para a Butterball) que estava a examinar com uma pequena lupa. — Regra geral, costumamos apenas ficar muito branca. Deves ter-te saído muito bem, para estares prestes a vomitar.

— Dá-me só um segundo — balbuciei, à espera de que o sangue me subisse à cabeça. — Ele mais ou menos sorriu no fim da minha apresentação. Isso é positivo, não é? E ela acenou com a cabeça duas vezes. A expressão dela nunca mudou, mas acho que é por causa do botox.

— Antes disso do que ter-te atirado uvas congeladas — concordou o Matt.

— Útil — disse eu, erguendo a cabeça para olhar para ele e sorrindo pela primeira vez nesse dia. Mostrando realmente os meus dentes; os sorrisos que reservava para os clientes não me vinham do coração. — Encorajadora e positiva. Penso que não me esqueci de nada. A reação do grupo de discussão, a colocação do anúncio nas revistas, os aumentos orçamentais associados aos objetivos do desempenho...

— Está no papo — interrompeu o Matt. — Ouvi o Mason ao telefone a dizer que a tua campanha arrasa com a da Cheryl.

— Ele disse isso? — perguntei, ansiosa.

— Não por estas palavras — respondeu o Matt. — Estava só a ver se te calavas.

— És tão aldrabão — disse eu, virando a cabeça para espreitar o corredor e ver se a Cheryl se dirigia para a sala de conferências. — Como é que posso confiar em ti quando és tão mentiroso? Meu Deus, espero que me tenha saído bem...

— Ouve, posso perguntar-te uma coisa? — interrompeu-me novamente o Matt, os dedos a remexerem no lápis litográfico amarelo que tinha estado a utilizar para assinalar as suas fotografias preferidas. — Porque é que queres a vice-presidência?

Olhei-o fixamente.

— A sério, pensa nisso — disse ele. — Diz-me porque é que a queres assim tanto.

— Porque é que me tornei amiga de uma pessoa que tem a mania que é psicólogo? — resmunguei. — Detesto quando me fazes isto.

— Um caso típico de evasão. — O Matt fingiu assentar algo num bloco de notas. — Ouve, uma promoção é sinónimo de mais dinheiro e mais trabalho. É isso que queres realmente da vida?

— Muito mais dinheiro — salientei.

— Pronto, está bem, muito mais dinheiro — respondeu o Matt, recostando-se na cadeira e pondo os pés em cima da secretária. — Mas

tu já ganhas uma carrada de dinheiro. E permites-me que seja brutalmente sincero? Não andas com muito boa cara ultimamente.

— Ei — respondi, magoada. Talvez já não lhe dissesse que o preto lhe assentava muito bem. Talvez lhe dissesse que era o fúchsia. A não ser que ele achasse que eu estivesse perigosamente magra e, nesse caso, tudo seria perdoado.

— Tens dormido? — perguntou-me o Matt. — Na semana passada recebi um e-mail teu às duas da manhã.

— Psicólogo e detetive — brinquei. — Uma combinação letal.

— Linds — disse o Matt, empregando a sua voz séria, a mesma que provavelmente usaria quando fosse pai e os filhos tivessem coberto o cão de manteiga. — Ando para te falar nisto há algum tempo, mas estás sempre demasiado ocupada. Estou preocupado contigo.

— É muito simpático da tua parte, Matt — respondi. — Mas eu estou bem.

Virei novamente a cabeça para tentar ver a Cheryl.

— Estás a ver? Nem sequer me estás a ouvir — queixou-se o Matt. — Sabes que tens todas as hipóteses de conseguir a vice-presidência. Mesmo que a Cheryl feche contrato com este cliente, o que não vai acontecer porque tu és melhor do que ela, continuas a trazer mais negócios para a empresa do que ela. Toda a gente sabe que vais conseguir. Inclusive, a Donna anda a fazer circular um postal de felicitações para todos assinarem. Portanto, podes ouvir-me durante dois segundos?

— As pessoas acham mesmo que vou conseguir? — perguntei, entusiasmada. — Com quem é que falaste?

O Matt expirou ruidosamente, como se eu estivesse a testar a sua paciência.

— Estás a precisar de férias — disse-me ele. — Quando é que foi a última vez que foste de férias? E tens de começar a namorar. Tens de fazer outras coisas na vida sem ser trabalhar.

— Mas eu namoro — respondi-lhe, indignada.

— Dois encontros nos últimos seis meses — contrapôs o Matt. — Isso não conta.

Não tinha como o contradizer: um dos encontros tinha sido com um maratonista que comera três cestos inteiros de pão e passara 90 minutos a falar sobre o seu regime de treinos; em suma, implicava posicionar um pé em frente ao outro. Uma coisa interessantíssima. Também

tinha saído com um veterinário, mas como sou alérgica a gatos e ele não mudara de camisa depois de sair do trabalho, passei a noite inteira a limpar os olhos lacrimejantes, sentada ao seu lado no bar. Uma mesa cheia de mulheres de meia-idade que claramente já tinham passado por muito ficou convencida de que ele estava a terminar a relação comigo.

«Deve ter arranjado outra», sibilou uma delas, ao mesmo tempo que todas lhe lançavam olhares furiosos. No geral, digamos que o ambiente não fora o mais propício.

— Quero muito ser vice-presidente, é só isso — disse eu ao Matt. Peguei no pequeno ancinho do jardim zen que lhe tinha oferecido no ano anterior, por piada, e desenhei novos padrões na areia. (Tinha escrito no cartão: «Este jardim parece stressado. Podes ajudá-lo?»)

Não me apetecia nada ter aquela conversa, não nesse momento, e não era justo o Matt tê-la trazido à baila. Eu não só desejava a promoção, como também precisava dela. Se não a conseguisse agora, passar-se-iam anos até ter outra oportunidade. As vagas para a vice-presidência eram tão raras como os eclipses solares. E da próxima vez já não seria a menina de ouro da agência. Por essa altura já outra pessoa, mais jovem e mais fresca, estaria a roer-me os calcanhares. Jamais a recuperaria, por muito que trabalhasse para conseguir subir um novo degrau na escada da progressão corporativa. Talvez tivesse inclusivamente de ir para outra agência de publicidade e ter de voltar a dar provas do meu valor, para evitar o estigma de ter passado ao lado de uma promoção. Como é que poderia explicar ao Matt que não tinha medo do trabalho árduo, que o que me aterrorizava realmente era o fracasso?

— Tens a certeza? — perguntou o Matt. — Pensa no que isso irá significar para a tua vida. Vais ficar tão presa a este sítio que jamais conseguirás sair. Consegues imaginar-te ainda cá daqui a 20 anos?

— Ainda não pensei tão à frente — menti. Dali a 20 anos queria ter o meu nome no edifício. Queria uma casa em Aspen e outra nos Berkshires. Queria um carro com motorista para me levar para o trabalho todos os dias e para estar lá fora à espera quando eu terminasse.

— Nunca sentes que a vida te está a passar ao lado? — perguntou-me o Matt, dessa vez num tom mais carinhoso. — É isto que tu queres?

Desviei o olhar dele. Esta tinha-me magoado um pouco. Era impossível não reparar que mais e mais amigos meus estavam a ficar noivos. A minha antiga colega de quarto da faculdade acabara de ter

um bebé. Estavam a expandir as suas vidas, enquanto a minha disparava para cima, qual seta, num trajeto a direito. Mas o Matt sabia o quanto eu tinha trabalhado para isto. Porque é que estaria a implicar comigo, logo hoje?

— Eu... — comecei por responder, mas, por alguma razão, o meu lábio inferior tremeu. Aclarei a garganta e preparei-me para recomeçar. Foi então que avistei algo pelo canto do olho. Não cheguei a terminar a minha frase.

A Cheryl percorria o corredor em direção à sala de conferências. Segundo parecia, estava um pouco distraída nessa manhã, uma vez que se tinha esquecido de vestir a blusa. O tipo de coisa que pode acontecer a qualquer uma.

— C'um caraças — sussurrou o Matt, dessa maneira excessiva e aquietada que os homens costumam usar quando veem o seu atleta favorito a realizar uma jogada impossível e a salvar o jogo. Os pés descaíram-lhe da secretária e bateram no chão com um baque.

Pronto, está bem, «esquecido» era um exagero. Ela estava a usar uma blusa, sim. Quinze centímetros de um tecido preto muito justo, sedoso e sem costas. Quando se aproximou, tornou-se evidente que, afinal, do que se tinha esquecido era do soutien.

Estava com um ar fantástico, ainda que estilo «sou o entretenimento numa festa de despedida de solteiro». O seu cabelo comprido estava solto e indomado, e os lábios pareciam tão cheios que eu estava certa de que ela tinha ido levar mais injeções de colagénio. Os saltos altos eram da altura de arranha-céus e ela parecia prestes a cair deles abaixo, mas talvez fosse por causa do peso à frente. Seria possível que ela tivesse levado injeções de colagénio em sítios menos ortodoxos?

— O que raio é que ela está a fazer? — perguntei.

— Jogo sujo — retorquiu o Matt. — Não te preocupes, isto fá-la parecer desesperada.

— A sério? — perguntei, ansiosa.

Ele não me respondeu.

— Matt! — sibilei.

— Hum? Oh, desculpa — disse.

Ele arrastou a cadeira uns centímetros para ver melhor.

— Daqui vejo o interior da sala de conferências. Queres que te faça um relato?

— Sim — respondi-lhe, roendo a única unha que me restava. — Não. Sei lá. — Levantei-me da cadeira de um salto, tornei a sentar-me e passei a mão pela testa. — Será que ela está mesmo convencida de que mostrar as mamas a vai ajudar a conseguir fechar negócio?

— Não, mas pousar a mão no joelho do Fenstermaker talvez — disse o Matt.

— O quê?! — exclamei.

— Já passou — disse o Matt. — Já cumprimentou toda a gente e está a dar início à apresentação. Está a mostrar o storyboard.

— Porque é que ela não aproveita para lhe fazer sexo oral debaixo da mesa? — murmurei.

— Deve estar a guardá-lo para o grande final — respondeu o Matt.

— Ele está a sorrir? — perguntei. — Achas que gosta dela? A mulher dele está irritada?

— A mulher está do outro lado — retorquiu o Matt. — Não consegue ver o que se passa por baixo da mesa. Além do mais, está a olhar para um espelho de bolso.

— Que merda! — disse eu. Tapei os olhos com a mão e afundei-me mais na cadeira. — A mulher do Fenstermaker vai realizar o piloto deles; li sobre isso na *Page Six*, quando andava a fazer pesquisa sobre o casal. O artigo não identificava a pessoa, mas era demasiado óbvio que era sobre ela. Fosga-se, fosga-se, fosga-se.

— Fosga-se? — disse o Matt. — A sério?

Tornei a levantar-me de um salto e comecei a andar de um lado para o outro, ao mesmo tempo que fazia perguntas ao Matt como se ele fosse a testemunha num julgamento.

— Que tal te parece o Fenstermaker? — indaguei.

— Não me parece infeliz, digamos assim — respondeu o Matt, com diplomacia.

— O que é que a mulher está a fazer agora?

— A comer uma uva — replicou o Matt. — *Uma* uva. Aliás, ainda não a comeu. Está a examiná-la como fosse um diamante.

— *Levanta os olhos da uva!* — tentei instigar a Sra. Fenstermaker com o poder da minha mente.

O Matt resfolegou e lancei-lhe um olhar furioso.

— A sério, Matt?

— Desculpa — disse ele.

— Isto é tão pouco profissional — retorqui, numa voz sibilada. — Tão... mas tão...

— Típico da Cheryl — terminou o Matt por mim.

A minha dor de cabeça tinha voltado e a dobrar; devia ter desconfiado de que a Cheryl faria jogo sujo. Uns anos após eu ter chegado à Richards, Dunne & Krantz, quando estávamos a competir pelo contrato de uma marca de detergente para a máquina da louça, tínhamos ido a Kentucky fazer uns grupos de discussão com mães que tinham optado por ficar em casa a cuidar dos filhos. A minha campanha concentrava-se na rapidez — as mães dos tempos modernos eram demasiado ocupadas para esfregarem tachos e polirem panelas, pelo que o nosso detergente faria esse serviço em metade do tempo. A Cheryl optara por uma abordagem do estilo «a mesma qualidade, nova imagem», tendo redesenhado a embalagem. Sentámo-nos ambas a conversar com quatro grupos distintos de mães, tomando notas dos seus comentários, pensamentos e recomendações, e era mais do que óbvio que a minha campanha era a favorita. No entanto, quando regressámos a Nova Iorque, o cliente escolheu a campanha dela. Atribuí esse facto a falta de sorte. Talvez o cliente gostasse de embalagens com formas fálicas. Talvez tivesse gostado da nova embalagem, maior e mais firme, porque sentia falta de algo na sua vida. (Mais uma vez, nada de ressentimentos da minha parte!)

Então, seis meses depois de a campanha ter ido para o ar, descobri que a Cheryl tinha trocado os comentários dos grupos antes de os entregar ao cliente. Não era algo que eu pudesse provar, tratava-se somente de uma acusação sussurrada pela assistente da Cheryl quando partira para ir trabalhar para outra firma.

— Está a debruçar-se à frente do Fenstermaker — disse o Matt. — Acho que fingiu deixar cair alguma coisa.

— O que é que o Fenstermaker está a fazer? — perguntei.

— Está a vê-la apanhá-la — respondeu o Matt. — Ou isso ou está a pôr-lhe uma nota no fio dental.

— Ela é mesmo ridícula — exclamei com desdém. — Por acaso até é uma mulher inteligente. E trabalha bem. Porque é que recorre sempre a estas tretas?

— Porque é a Cheryl — retorquiu o Matt. — Ei, ela deve estar a terminar. O Mason acaba de se levantar.

— O que é que o Fenstermaker está a fazer? — indaguei.

— Também se está a levantar — respondeu o Matt. — Ups... acho que foi atrás da Cheryl para a casa de banho, para uma rapidinha.

— O quê?! — guinchei.

— Estou a brincar — disse o Matt. — Acabou de apertar a mão ao Mason e estão a dirigir-se para o elevador. Espera aí, vou passar por deles para tentar ouvir a conversa.

O Matt saiu do seu gabinete ao mesmo tempo que eu exalava ruidosamente todo o ar que tinha nos pulmões e me deixava cair novamente na cadeira. Sentia-me tonta e fraca, como se tivesse corrido uma maratona. Teria jantado ontem? *Não*, recordei-me, a não ser que contasse com o burrito congelado que aquecera no micro-ondas quando chegara finalmente a casa. Soubera-me à embalagem de cartão que o continha, pelo que o atirara para o lixo após uma dentada e emborcara gelado *Cherry Garcia* suficiente para atingir a porção de fruta recomendada diariamente na pirâmide alimentar. Preciso de comprar mais vitaminas. E *Maalox* também. Parecia que alguém tinha feito uma série de nós no meu estômago e lhes pegara fogo. Eram provavelmente as úlceras que o meu médico tinha dito que iriam fazer parte do meu futuro próximo. Por esta altura já devia ter uma família inteira de úlceras a morar no meu estômago, todas a roerem as suas próprias unhas.

Mas que raio se estaria a passar no corredor? Teria o Fenstermaker tomado uma decisão? Virei-me e espreitei pela porta do Matt, no preciso instante em que ele entrava.

— Não há veredito — reportou o Matt. — Mas ouvi o Fenstermaker dizer ao Mason que iria ligar-lhe em breve.

— Em breve? — perguntei. — Daqui a uma hora? Na próxima semana? No próximo mês? O que é que «em breve» quer dizer, raios?!

— Deixa-te de coisas, Lindsey — disse o Matt. — Já te disse, acontece o que acontecer hoje a tua promoção está no papo.

— Só estás a dizer isso porque és o meu psiquiatra — respondi, mas não consegui evitar sorrir.

Levantei-me lentamente da cadeira, de repente sentindo dores em todos os ossos. Só podia ser o anticlímax do pós-apresentação; era impossível estar a ficar doente. Às seis da madrugada de amanhã iria apanhar um voo para Seattle, para conduzir uma série de grupos de discussão para uma marca de ténis cujas vendas estavam inexplicavelmente baixas na região Oeste. Precisava de identificar o problema e reestruturar

rapidamente a campanha, antes de gastarmos mais dinheiro nos nossos anúncios antigos. De lá partiria diretamente para Tóquio num voo de 36 horas, para supervisionar as filmagens do anúncio a uma água de Colónia com uma celebridade de categoria B. Ia ser um pesadelo; como a maior parte dos antigos atores de séries cómicas ultrapassadas, este engolia *Ativan* como se fossem pipocas, por isso teria de andar de olho nele durante a sessão inteira. Pelo meio, e partindo do pressuposto de que ficaria com o contrato da Gloss, teria de finalizar os pormenores para os anúncios televisivos e as sessões fotográficas para as revistas, comprar espaço publicitário e supervisionar a produção.

— Tenho imenso trabalho para fazer — disse ao Matt. — É melhor voltar para o meu gabinete.

— Linds? — disse o Matt.

Voltei-me para ele.

— Não chegaste a responder-me.

— Podemos falar mais tarde? — pedi-lhe, tornando a massajar o pescoço.

Por essa altura já nem me recordava da pergunta do Matt. Havia tanto para fazer antes dessa noite, o que era positivo. Precisava da distração para não enlouquecer à espera da comunicação oficial. Tinha dezenas de e-mails à espera de uma resposta, além de que precisava de rever os mostruários de pontos de venda e as amostras para promoção em loja que a minha equipa tinha reunido para uma nova linha de refrigeradores de vinho, e certificar-me de que estávamos em sintonia com o cliente, que fazia o Donald Trump parecer uma pessoa calma e humilde.

Já tinha proposto cinco campanhas diferentes, às quais o magnata dos refrigeradores de vinho abanara impacientemente a cabeça, ao mesmo tempo que gritara para o telemóvel que usava permanentemente colado ao rosto: «Estou-me a lixar para que as vindimas tenham muitos custos! Diz-lhe que se volta a aumentar o preço eu vindimo-lhe os tomates!».

Tinha de apertar com a minha equipa para conseguirmos criar algo espetacular que lhe agradasse. Tinha também de pedir à Donna para tratar das minhas reservas de avião. Fiz uma nota mental para lhe lembrar que não me pusesse num voo noturno; as hospedeiras apagavam sempre as luzes e era impossível fazer fosse o que fosse. Será que não percebiam que o sossego de um avião era o melhor sítio para levar a cabo

trabalho sem interrupções? Oh, além de que tinha de convencer a Oprah e o mais rápido possível.

Desejara tanto fechar negócio com a Gloss antes da comunicação dessa noite... Mas tinha de ser paciente. Não obstante o que o Matt e os outros diziam, só acreditaria que tinha conseguido a promoção quando ouvisse o Mason anunciar o meu nome. Não saber se tinha conseguido ou não era uma ponta solta.

E as pontas soltas deixavam-me nervosa.

CAPÍTULO 3



Acreditem ou não, eu costumava ser a irmã mais bonita. Tenho inclusivamente provas disso: uma fotografia antiga em tons sépia da Alex e eu ainda bebês, a sermos empurradas pela rua pela nossa mãe, sentadas lado a lado no nosso carrinho duplo. O meu cabelo castanho, farto, estava preso com dois populares totós e laçarotes cor-de-rosa, e os meus braços e pernas eram macios e rechonchudos; a única vez na minha vida em que as pessoas me tinham elogiado essa característica específica. Era uma bebé feliz e descontraída que estava sempre a sorrir, mesmo quando a avó grega que morava ao fundo da rua me beliscava as bochechas rosadas, deixando-as ainda mais ruborizadas. Em contrapartida, nos primeiros 12 meses de vida, a Alex era tão magricelas e careca como uma galinha depenada. Além disso, sofria imenso de acne infantil e de cólicas, tinha medo de estranhos e o seu choro, segundo o meu pai, estremeceu sempre que o recordava, «deixava qualquer um completamente desvairado».

Não tenho qualquer memória de como era sentir o olhar das pessoas fixo em mim durante esse meu primeiro ano de vida, vê-las derretidas a elogiarem os meus olhos grandes e o sorriso bonito, absorver os seus elogios enquanto a Alex berrava e vomitava o pequeno-almoço. Isso porque, por volta do nosso primeiro aniversário, o nosso álbum fotográfico de família começou a contar uma história bem diferente.

A Alex ultrapassou os problemas de cólicas, de acne e de timidez, e apesar de os nossos olhos serem de um azul-marinho idêntico quando nascemos, os meus escureceram e tornaram-se castanho-escuros, e os dela ficaram cada vez mais claros, até se fixarem no tom do mar

das Caraíbas com o brilho da luz do sol. Ganhou o peso que necessitava urgentemente de ganhar, embora mantivesse uma estrutura óssea pequena e delicada, e o cabelo começou a crescer mais depressa do que o da Rapunzel, brotando em cachos longos e dourados.

Estivéssemos onde estivéssemos (no parque infantil, na praia, no primeiro dia do pré-escolar), uma frase fazia-se sempre ouvir à nossa volta, qual banda sonora das nossas vidas: «Olhem bem para aquele cabelo!».

As pessoas também sorriam para mim e talvez dissessem algo simpático, depois de terem ficado completamente encantadas com a Alex e de dizerem à minha mãe que ela devia aparecer em anúncios publicitários. Pelo menos as pessoas simpáticas. Lembro-me de uma ocasião em particular, quando tinha uns 5 ou 6 anos, em que a minha família estava a almoçar na mercearia do bairro. Eu e a Alex estávamos a partilhar uma dose de batatas fritas (daquelas boas, oleosas e cortadas às ondinhas), como recompensa por nos termos portado bem no consultório do pediatra durante a toma de uma vacina. A minha mãe tinha começado a dividir a dose pelos nossos pratos, enquanto nós a observávamos atentamente para garantir que nenhuma de nós ficava com uma única batata a mais, nem mesmo aquela queimada que tinha dado umas boas voltas na fritadeira, quando apareceu uma senhora de idade. Sofria tanto de artrite e andava tão curvada que ficava praticamente ao nível dos meus olhos, e não pude evitar olhar para ela porque me fazia lembrar a bruxa do meu livro da Branca de Neve. Inclusivamente estava vestida de preto. Não sorri nem disse olá; limitou-se a estender uma mão que mais parecia uma garra e tocou-me na cabeça, e eu deixei-me ficar, sentindo-me completamente paralisada de medo.

«É pena esta não ser parecida com a irmã», disse ela, numa voz rouca.

A minha mãe tentou distrair-me, começando a falar em voz alta sobre outro assunto qualquer, mas eu ainda sentia o toque daquela mão com as veias azuladas e percebia que a minha mãe sabia. E então, sem que a Alex se apercebesse, a minha mãe pôs-me umas batatas fritas a mais. E foi isso; foi esse gesto que formou um nó na minha garganta que quase não me deixou respirar. Era como se a minha mãe estivesse a tentar compensar o facto de eu não ser tão especial como a Alex. Como se também estivesse a admitir esse facto. Eu não tinha chorado no

consultório do médico, nem mesmo quando a enfermeira me espetara uma agulha na carne macia do braço, mas ali sentada, a olhar para as batatas fritas que já nem sequer me apetecia comer, foi preciso fazer um grande esforço para evitar que as lágrimas me escorressem pelas faces.

Não me interpretem mal; os meus pais fizeram o melhor que podiam. Tinham tentado ter filhos durante dez longos anos antes de eu e a Alex termos nascido. No dia em que nascemos, a minha mãe, ainda atordoada e chorosa, com um embrulho rosado em cada braço, pediu conselho ao médico sobre a melhor forma de criar gémeos.

Ele pensou durante algum tempo e depois respondeu: «São pessoas distintas. Trate-as como tal. Não as vista de igual.»

A minha mãe levou o conselho à letra: aquelas mantas de hospital cor-de-rosa foram as últimas coisas que eu e a Alex usámos iguais. Tínhamos quartos separados, roupa diferente e amigos diferentes. Nunca tivemos de ir às mesmas aulas de ballet nem fazer o mesmo corte de cabelo. Mas a minha mãe não precisava de se ter preocupado. Entregues ao nosso próprio destino, eu e a Alex estabelecemos caminhos completamente diferentes sozinhas. Não imagino a minha vida sem a Alex, mas não por ela ser a única pessoa que me compreende realmente ou porque tenhamos uma ligação psíquica desde o útero. Porque passei toda a minha vida a afastar-me da Alex, qual nadadora que se serve da parede para fazer a cambalhota debaixo de água e avançar na direção oposta.

Aprendi cedo que se tivesse os mesmos interesses que a Alex, tais como a popularidade, os namoricos e a diversão, ficaria sempre num distante segundo lugar, a ponto de toda a gente perder o interesse e já ter ido para casa quando por fim eu alcançasse a meta. A Alex fora escolhida para a comissão de receção ao caloiro no primeiro e no último anos do secundário; faltara às aulas para ir fazer passagens de modelo nos desfiles de moda júnior da Saks Fifth Avenue e da Macy's; deixara o capitão da equipa de futebol americano no final da época e começara a namorar com o capitão da equipa de basquetebol mesmo a tempo do primeiro jogo deles. Quando esvoaçava pelos corredores da nossa escola, vestida com a saia de chefe de claque que soava um ruge-ruge em torno das suas pernas compridas, era evidente pelos olhares que a seguiam que todas as raparigas queriam ser como ela e que todos os rapazes estavam secretamente apaixonados por ela.

Como tal, a não ser que eu quisesse passar despercebida a vida inteira, fui obrigada a encontrar outra maneira de ser notada, algo que não exigisse um sorriso perfeito ou pestanas compridas ou vestir o tamanho 34. Aprendi que, se me aplicasse nos estudos e trouxesse as melhores notas para casa, a diretora da escola chamar-me-ia ao palco no final do ano letivo para me dar um certificado, enquanto os meus pais, no público, sorriam radiantes. Aprendi que se fizesse a faculdade em três anos em vez de quatro, e entrasse para a lista do orientador de estudos todos os semestres, apareceriam empregadores para me recrutar. Aprendi que se arranjasse um emprego em Nova Iorque, auferisse um ordenado com seis dígitos e trabalhasse até ficar com a cabeça quase a explodir e o meu corpo parecer pertencer a uma mulher com o dobro da minha idade, poderia preencher os questionários das reuniões de antigos alunos com atualizações sobre a minha vida que iriam certamente impressionar os meus ex-colegas.

Às vezes, acordada a meio da noite, a pensar em tudo o que teria de fazer no dia seguinte, a minha mente começava a trabalhar tão depressa, que ficava com tonturas e ataques de pânico. Dava voltas e mais voltas, os lençóis de seda enrolando-se à minha volta como cobras. Nada me conseguia acalmar — nem uma comédia no meu plasma gigante, nem a suavidade das minhas almofadas feitas de caxemira ou as cores vívidas da pintura abstrata original que tinha comprado numa galeria no Soho com o primeiro bónus que recebi.

Durante essas horas sombrias e intermináveis, enquanto as listas me passavam pela mente e o meu coração batia a toda a velocidade, às vezes pensava no que seria de mim se não tivesse de lutar tanto para criar a minha própria identidade, uma que me impedisse de desaparecer nas sombras, sempre que a minha irmã estivesse por perto. Seria assim tão determinada, tão obcecada com o sucesso, se tivesse nascido no seio de outra família?

Durante essas noites longas e solitárias, noites em que o meu corpo ansiava pelo descanso, mas a minha mente se recusava a dar-lho, às vezes interrogava-me: se a Alex não fosse minha irmã, seria eu uma pessoa completamente diferente?

— Estás a dormir?

A voz incrédula do Matt interrompeu o meu sonho, um sonho transpirado e receoso em que eu estava a correr aeroporto fora, tentando apanhar um avião que estava prestes a descolar, a correr cada vez mais depressa apesar de estar a ver a funcionária a fechar a entrada que conduzia à ponte de embarque e a posicionar-se defronte da mesma com os braços cruzados sobre o peito, abanando a cabeça para mim.

Levantei a cabeça da secretária e pisquei os olhos, completamente atordoada. O Matt estava parado na entrada do meu gabinete, com a namorada — uma professora do pré-escolar — ao seu lado. Eu tinha uma folha de papel agarrada à cara, provavelmente colada com baba. Criar uma boa primeira impressão a todo o custo: é esse o meu lema.

— Pensava que estavas a dormir — disse o Matt.

— Estava só a descansar um bocadinho — respondi. Meu Deus, soava exatamente como o meu pai. Arranquei o pedaço de papel da face e rezei para que o meu batom não estivesse borrado.

— Olá — cumprimentei a namorada do Matt. — Sou a Lindsey e juro que costumo estar mais alerta do que isto.

— Sou a Pammy — respondeu-me ela, com um sorriso doce. Pammy? Bom, a culpa não era dela. Era pequena e loura, e parecia perfeita para o Matt; a sua última namorada fora uma vegetariana temperamental que fazia sempre uma cena nos restaurantes, massacrando o empregado com perguntas sobre os ingredientes dos vários pratos.

— Vais chegar atrasada — disse o Matt. — Tens cinco minutos para mudar de roupa. Esperamos por ti lá em baixo.

Foi como se ele me tivesse atirado um balde de água gelada para cima. Saltei da cadeira e agarrei no saco que estava pendurado na maçaneta da porta. Como é que me podia ter esquecido dessa noite? Olhei para o relógio: eram cinco e meia e tinha dormido duas horas seguidas. Era impossível; nunca dormia a sesta. Porque é que os meus telefones não me tinham acordado? Porque é que ninguém tinha entrado no meu gabinete? A resposta assaltou-me a mente de imediato: a Donna. E, de facto, o papel que tinha colado ao rosto estava cheio dos seus rabiscos: «Não lhe vou passar chamadas e vou dizer a toda a gente que está numa reunião. Precisa de descansar, caso contrário, ainda vai ficar doente.»

Por amor de Deus, mas afinal eu só era a chefe de nome ou quê?!

Tinha cinco minutos para me preparar, cinco reels minutos para ficar apresentável para o anúncio que poderia mudar todo o meu futuro. Mas eu era capaz; estava mais do que habituada a tirar coelhos da cartola. Abri o saco da roupa e retirei o vestido de seda preto que uma assessora de imagem tinha escolhido para mim na Saks. Era simples e conservador, mas também elegante, esperava eu. Corri para a casa de banho, mudei-me e calcei os sapatos que a assessora enfiara no fundo do saco. Serviam-me na perfeição, os saltos não eram demasiado altos e o estilo era clássico. Fiz uma nota mental para voltar a utilizar os serviços dessa assessora; sabia realmente seguir instruções, ao contrário da anterior, que acrescentara camisolas natalícias às peças de roupa que me tinha enviado. Posso não ser uma grande conhecedora de moda, mas sei que é um crime capital usar seja o que for que tenha o nariz vermelho do Rodolfo a piscar.

Bochechei com água fria, molhei as faces também e pus um pouco de perfume. Em seguida, aproximei-me do espelho e examinei o meu reflexo. O meu cabelo continuava preso e penteado, mas eu precisava urgentemente de um corretor de olheiras e gotas para os olhos, para atenuar a vermelhidão. Contudo, a única maquilhagem que tinha na mala era o meu batom *Cherrybomb*. Nunca gostara de maquilhagem, provavelmente porque a Alex me dizia sempre que ficava muito melhor maquilhada. Pus uma ligeira camada de batom, o suficiente para conferir alguma cor ao rosto. O Matt tinha razão; realmente estava um pouco pálida, mesmo depois de ter dormido tanto.

Disse a mim mesma que teria melhor aspeto sob a luz ténue da festa, em especial porque por essa altura as marcas do meu rosto por ter estado a dormir em cima de um papel amassado já teriam desaparecido. Enfiei uma pastilha de canela na boca e corri para o elevador.

— É um milagre de Natal — exclamou o Matt, assim que apareci no corredor. — Vamos, tenho um táxi à espera.

Corremos para o passeio e acomodámo-nos no banco de trás do táxi, com o Matt no meio. Afastei a perna o mais longe possível dele para a Pammy não ficar com ciúmes. A vegetariana com as axilas peludas odiara-me porque sabia quão próximos o Matt e eu éramos, e sentira-se ameaçada por isso (a minha nova mala de camurça também não tinha ajudado; mas juro que só a comprei porque estava em saldos). Mas ela nunca tinha tido um único motivo para se sentir ameaçada;

o Matt era apenas um amigo. O meu melhor amigo, aliás. De modo algum iríamos envolver-nos.

Claro, a ideia já me ocorrera, mas afastara-a rapidamente para que não decidisse instalar-se no conforto do meu cérebro. Há dois anos, eu e o Matt tínhamos estado a trabalhar até tarde num sábado à noite e fomos jantar a um pequeno restaurante italiano que fazia os melhores gnocchi do mundo. Duas garrafas de *Chianti* depois, acabámos no apartamento do Matt a ver o *Casablanca* (sim, tínhamos corrido todos os estereótipos românticos nessa noite). Sentados lado a lado no seu sofá de dois lugares (estão a ver?), apercebi-me de quão fácil seria aninhar-me junto a ele, enviar-lhe um sinal para ver se o captava. Podia inclinar a cabeça para a direita e pousá-la no seu ombro. Quinze centímetros de distância era a única coisa que me impedia de mudar para sempre o teor da nossa relação. Os três copos de vinho que tinha bebido simplificavam tudo.

Virei-me para ele e vi que me olhava fixamente, em vez de estar a ver o filme. Os nossos rostos estavam tão próximos que lhe via os minúsculos pontos esverdeados nos olhos castanhos. Nunca sentira qualquer atração física pelo Matt. Tem o rosto redondo, o cabelo escuro encaracolado e mede cerca de 1,80 m; é mais um urso de peluche do que um herói das revistas *Harlequin* capaz de fazer cuecas entrarem em combustão espontânea. Mas, nesse instante, ao olhar para os seus olhos meigos com as rugas de expressão nos cantos, parecia-me irresistível. Levantei-me de imediato e corri o apartamento à procura dos meus sapatos, ao mesmo tempo que me desculpava com um cansaço extremo. Em retrospectiva, visto estar aos saltinhos de um lado para o outro como se estivesse a ser repetidamente eletrocutada, não deve ter sido a melhor das desculpas. Mas eu tinha ficado aterrorizada.

E se eu e o Matt começássemos a namorar e depois terminássemos a relação? E se as minhas tendências perfeccionistas (pronto, está bem, neuróticas) o deixassem louco e eu não suportasse viver com o seu hábito de deixar as unhas cortadas em pilhas perfeitas na casa de banho? (Não sei bem por que motivo escolhi isso para exemplificar o ponto de rutura, mas é melhor não pensar muito sobre o que isso diz em relação ao meu estado mental.)

Porém, nesses segundos em que eu e o Matt nos tínhamos entreolhado, eu passara em revista a nossa relação e chegara ao momento de rutura, tendo antevisto o que seria o meu futuro sem ele. Era como olhar

para um abismo escuro e solitário. Se acabássemos por não gostar um do outro, não teria ninguém em Nova Iorque que se preocupasse verdadeiramente comigo. Não teria um único amigo a sério. O Matt era a única pessoa a quem me podia queixar do trabalho, a única pessoa que gostava tanto como eu de pizza de cogumelos e azeitonas pretas ao final da noite, a única pessoa que continuava a gostar de mim quando me sentia cansada, irritada e insegura. Não podia arriscar perdê-lo (o abismo era demasiado assustador para sequer o contemplar), por isso saíra a correr do seu apartamento para a segurança do meu. Desde então não tínhamos voltado a ficar sozinhos no seu apartamento; eu fizera tudo para que nunca acontecesse.

— Vire na próxima à direita — instruiu o Matt ao condutor, assim que nos aproximámos do clube.

— Estás pronta? — perguntou-me.

— Completamente — menti. O meu coração estava novamente a bater com força e sentia-me um pouco tonta, talvez por não ter almoçado. Seria de esperar que tantas refeições suprimidas tivessem um efeito positivo na minha cintura, mas eu conseguia compensar heroicamente o défice calórico quando chegava a casa à noite. Agora, contudo, havia algo além do estômago vazio que me fazia sentir prestes a desmaiar.

— Vai ser divertido — chilreou a Pammy. Sorri para ela e tentei abstrair-me da ansiedade que sentia. Era realmente amorosa; muito alegre, magrinha e simpática. Já disse magrinha? Tinha feito um esforço tremendo para desvalorizar o facto de ambas as suas coxas serem da grossura de uma perna minha.

— Pode deixar-nos aqui — disse o Matt, pagando ao condutor enquanto a Pammy saía do carro.

— Ela é simpática — sussurrei-lhe.

— Achas mesmo? — perguntou-me o Matt, enquanto o condutor contava meticulosamente o troco. Estou convencida de que a maioria dos condutores de táxi demora a contar o troco na esperança de que os nova-iorquinos hiperativos respondam «Oh, por amor de Deus, deixe estar o troco!» e saiam a correr.

Sáímos do carro, o Matt pegou na mão minúscula da Pammy e um segurança afastou-se para o lado para nos abrir a porta do Night Fever. O impacto da música alta quase me fez cambalear para trás. Ah, agora o nome da discoteca fazia todo o sentido. Ouvia-se um Bee Gee a cantar

num tom que tanto podia ser de desgraçadinho como também de êxtase, uma empregada com o penteado à Farrah Fawcett e um colar de misangas passou por nós com um tabuleiro cheio de bebidas vermelhas e verdes fumegantes, e até o Mason envergava um par de calças à boca de sino. Bem-vindos aos anos 70 porque, segundo parecia, uma vez não tinha sido suficiente.

— Matt, que bom ver-te! — gritou o Mason, afastando-se de um grupo de pessoas e caminhando na nossa direção. — Lindsey, tens um minutinho?

Sem esperar pela minha resposta, levou-me para lá de um ecrã de televisão gigante suspenso no teto. Estava a passar os nossos anúncios mais importantes desse ano num *loop* contínuo. A cada metro que avançávamos, um empregado envergando óculos à John Lennon, ou sapatos com plataforma, passava por nós com um novo tabuleiro de bebidas, o que significava que nessa noite iriam ser criados novos e imaginativos arranjinhos entre colegas que passariam o ano seguinte a serem acometidos por violentos ataques de tosse e a baixarem o olhar para o chão sempre que se cruzassem nos corredores do escritório. Nas semanas que se seguiam às nossas festas de Natal, parecia sempre que o nosso escritório tinha sido afetado com um número recorde de crises de bronquite.

O Mason fez-me sinal com a mão para um canto, onde pufes gigantes estavam reunidos num semicírculo debaixo de uma bola de espelhos.

— Já tiveste notícias do Fenstermaker? — balbuciei, olhando para uma cadeira e concluindo que, caso me sentasse nela, jamais conseguiria levantar-me de novo.

— Ainda não — respondeu-me ele. — Talvez demore uns dias a decidir. Ouve, não vale a pena estares nervosa. Queria dizer-te que fizeste um trabalho fantástico para nós este ano. Um excelente trabalho.

O Mason estava a arrastar ligeiramente as palavras; aquelas bebidas com cores natalícias deviam ser muito potentes. Fiz uma nota mental para pedir uma água com gás e limão; sempre passava por gin tónico.

— Obrigada — respondi. — Isso significa muito para mim.

Ele aproximou-se mais e sussurrou-me:

— Não te devia dizer isto, mas a votação foi esta tarde.

O tempo parou. Senti todos os pelos dos meus braços a eriçarem.

— O quê? — perguntei, numa voz rouca.

— És a nova vice-presidente e diretora criativa — disse o Mason.

Fechei os olhos ao mesmo tempo que era invadida por uma sensação de alívio que me deixou as pernas fracas e pouco firmes. Conseguira — era a mais jovem vice-presidente e diretora criativa da Richards, Dunne & Krantz. Todas as férias que nunca tinha tirado, os filmes que nunca tinha visto, as manhãs de fim de semana em que me levantara para trabalhar enquanto as outras pessoas ficavam a dormir ou a ler o *Times* ou a passear ao sol; tudo culminara neste momento glorioso. Agora já podia comprar o meu próprio apartamento. Podia comemorar esbanjando dinheiro em qualquer restaurante da cidade e até mesmo alugar um motorista em vez de ir de táxi. Talvez fizesse algo especial no Natal e oferecesse bilhetes de avião aos meus pais para irem visitar a Europa. Teria um gabinete maior, com uma vista deslumbrante. Teria o meu próprio estacionamento personalizado. Mal podia esperar para encontrar um telefone e ligar aos meus pais e à Alex. Por dentro estava a explodir de alegria, mas mantive uma expressão serena e profissional.

O Mason interpelou um empregado que ia a passar:

— Traga um copo de champanhe para esta senhora.

— Não sei como te agradecer — comecei por dizer, mas o Mason interrompeu-me.

— É merecido — disse simplesmente, sorrindo para mim. Porque é que me passara pela cabeça que o Mason era um alienígena? Era o homem mais caloroso e simpático do mundo. Um espécime masculino verdadeiramente belo. Devia estar em exposição no MoMA.

— Vou anunciá-lo daqui a uma hora — informou-me ele. — Quero que digas algumas palavras também.

— Com certeza — respondi, com um sorriso pateta nos lábios.

Bebi um trago do champanhe para disfarçar o facto de estar a conter lágrimas de alegria. O sabor era adocicado e delicioso, em contraste com a minha garganta seca. Meu Deus, adorava champanhe. Porque é que não o bebia com mais frequência? Devia bebê-lo todos os dias. Devia *banhar-me* nele.

— Desfruta — disse o Mason. — Quando chegar a altura faço-te sinal.

Afastou-se e eu corri para junto do Matt e da Pam, que observavam um redator publicitário a tentar dançar ao som de *The Hustle* em cima do tapete felpudo cor de laranja e abacate.

— Vou decretar uma nova lei para as festas de Natal das empresas — anunciou o Matt. — Ninguém deve ser obrigado a ver os colegas a dançarem ou vestidos de fato de banho.

— Oh, meu Deus, que engraçado! — exclamei, rindo-me num timbre histérico.

O Matt fitou-me, enquanto eu limpava as lágrimas de alegria dos cantos dos olhos.

— Estás grávida? — perguntou-me.

— Mattie! — ralhou a Pammy. Mas depois olhou de relance para a minha barriga, ao mesmo tempo que eu a encolhi num gesto instintivo. — Nunca se pergunta isso a uma mulher!

— Ou estás grávida ou acabaste de ser nomeada vice-presidente — disse o Matt. — Estás mais radiosa do que aqueles candeeiros de lava.

Não consegui evitar o enorme sorriso que me assomou ao rosto.

— Conseguiste-o, não foi? — perguntou o Matt, tocando com o copo no meu. — Como se fosse surpresa para alguém.

— Parabéns! — guinchou a Pammy. — És vice-presidente?

— Guardem segredo — pedi a ambos. — O Mason só o vai anunciar daqui a uma hora.

— Estás com um ar mesmo feliz — disse o Matt. — Ainda bem.

— É realmente avassalador — respondi. — Mas estou feliz. Mesmo feliz.

— Feliz com o quê? — Alguém pôs o rosto tão perto do meu que senti o odor a lima do seu aftershave. Virei-me para a direita e dei de caras com o Doug, um dos redatores publicitários da minha equipa.

O Doug é lindíssimo, para quem gosta de homens grandes, magros e com a subtileza de um martelo de forja. Todas as mulheres da agência tinham um fraquinho por ele e ele parecia decidido a realizar todas as fantasias delas, uma de cada vez. Ou duas de cada vez, se acreditássemos nas histórias sobre o que tinha acontecido na festa de Natal do ano anterior.

— E quem é que temos aqui? — perguntou o Doug, voltando-se para a Pammy com um sorriso. O Matt pôs-lhe o braço por cima dos ombros e puxou-a para perto de si.

— É a Pammy — respondeu o Matt, numa voz tensa. — É a minha namorada.

O Doug ergueu a mão no ar como se dissesse: «É na boa, meu; o que não falta para aí são gajas.»

— Porque é que estás tão feliz? — perguntou-me o Doug. — Já és a nova vice-presidente?

O Matt veio em meu auxílio:

— Não, estávamos a falar sobre os candeeiros de lava. A Lindsey adora-os.

— A sério? — perguntou o Doug. — Fixe. Posso oferecer-te uma bebida, Lindsey? Ou a ti, Pammy?

— Não, obrigada — disse a Pammy.

— Porque não? — respondi. Que se lixasse a água com gás; qual era o problema de beber dois copos de champanhe na melhor noite da minha vida?

— Eh, lá — disse o Doug, virando rapidamente a cabeça na direção da porta. A Cheryl estava a fazer uma entrada em grande. Continuava vestida com a não-blusa que usara na apresentação à Gloss. A blusa não estava maior; antes pelo contrário, apanhara uma gripe e perdera uns bons quilos.

O Doug saiu a correr para a ir cumprimentar.

— Se calhar vais ter de esperar um pouco pela tal bebida — disse-me o Matt.

— Achas mesmo? — respondi, num tom sarcástico. Por essa altura mais três tipos estavam a tentar captar a atenção da Cheryl.

— O melhor é ir desejar-lhe boa sorte para o contrato com a Gloss — disse eu. Era costume as equipas criativas adversárias desejarem-se boa sorte, à semelhança dos pugilistas que batiam com as luvas antes de darem uma valente tarefa um no outro.

— Eu trato das bebidas — disse o Matt, fazendo sinal para um empregado ao mesmo tempo que eu me dirigia para a Cheryl.

Meu Deus, que dia fantástico este! Já não estava exausta. Agora sentia-me capaz de ficar acordada a noite inteira.

Estava a poucos passos da Cheryl quando o meu *BlackBerry* começou a vibrar no bolso do casaco. Retirei-o e olhei para a mensagem:

«Não vais acreditar onde estou, nem com quem. Liga-me.»

Esbocei um sorriso. A mensagem era do meu velho amigo Bradley Church. Não falava com o Bradley há semanas, talvez até uns dois meses. Ligar-lhe-ia nessa noite, prometi a mim mesma. Receber essa mensagem fez-me perceber o quanto sentia a sua falta. Eu e o Bradley tínhamo-nos tornado amigos no 2.º ano, quando o *bully* da turma pregara

uma rasteira à Megan Scully no refeitório da nossa escola, fazendo-a estatelar-se em cima do tabuleiro de rolo de carne. Enquanto ela estava sentada no chão à procura dos óculos e a chorar, o Bradley abriu disfarçadamente o frasco de ketchup que estava em cima da nossa mesa e despejara um pouco para dentro do copo de sumo de laranja do *bully*. Este foi para beber um trago e acabou por cuspir tudo em cima da camisa branca.

Enquanto o *bully* começava a cerrar os punhos e a olhar em redor à procura do culpado, aproximei-me devagar e sentei-me no lugar ao lado do Bradley, para fingir que tínhamos estado à conversa o tempo todo. Ficámos amigos desde então, indo inclusivamente juntos ao baile de finalistas, mas agora raramente nos víamos. O Bradley continuava a morar no nosso antigo bairro e trabalhava como fotógrafo para o *The Washington Post*. A sua fotografia de uma rapariga de 9 anos a dormir no chão da sala de estar perto do calor da lareira, enquanto a mãe olhava fixamente para uma pilha de contas por pagar, tinha acabado de receber um prémio.

O Bradley continuava a defender os desfavorecidos, pensei para os meus botões, sorrindo afetuosamente ao lembrar-me do seu rosto.

Ligar-lhe-ia logo a seguir a telefonar aos meus pais e à Alex, decidi, ao mesmo tempo que me aproximava da Cheryl, abrindo caminho por entre um mar de indivíduos que disputavam um lugar perto dela.

— Cheryl? Queria só desejar-te boa sorte — disse eu, estendendo-lhe a mão.

Ela baixou o olhar para a minha mão durante imenso tempo, antes de a apertar.

— Obrigada — retorquiu. O seu rosto fez duas covinhas quando um dos contabilistas lhe estendeu uma bebida vermelha que combinava na perfeição com a cor dos seus lábios.

— Duvido que tenhamos notícias tão depressa, por isso acho que podemos descontrair-nos — disse eu. Agora que iria ser vice-presidente, teria de fazer um esforço para fazer as pazes com a Cheryl. Afinal de contas, ela iria trabalhar para mim.

— Oh, acho que teremos novidades muito em breve — replicou ela, bebericando a sua bebida e sustendo o meu olhar por cima do rebordo do copo.

Algo no brilho do seu olhar provocou-me um arrepio na espinha.

— A sério? — indaguei, tentando dar uma risada descontraída que mais parecia a gargalhada do Pica-Pau (ao que parece, os homens *adoram* isso; está, portanto, explicado o meu sucesso imensurável no campo amoroso).

— Porque é que dizes isso? — perguntei à Cheryl. — O Mason disse-me que o Fenstermaker ainda não decidiu.

A Cheryl fitou-me durante mais algum tempo e passou a língua pelos lábios vermelhos brilhantes, ao mesmo tempo que eu me forçava a olhá-la diretamente. *Trata-se de medir forças; nada mais do que isso*, disse para mim mesma. Ela estava a tentar desorientar-me. O mais certo era até aquele gesto predatório de passar a língua pelos lábios ser algo que ela tinha visto no *Animal Planet* e que ensaiara diante do espelho.

— Oh, é uma sensação que eu tenho — respondeu-me ela, voltando-me as costas. Fiquei a olhar para ela, tentando livrar-me do desconforto que começava a tomar conta de mim. Sentia-me um veado no bosque, que acabara de farejar um caçador. Algo não batia certo.

A Cheryl sabe que eu tenho a promoção em mente; está só a fazer os seus joguinhos, disse para mim mesma. Não tinha motivos para me preocupar.

Mas... por que razão estaria com um ar tão confiante? Devia estar a lamber-me as botas.

Comecei a andar lentamente na direção do Matt e da Pammy. Só mesmo a Cheryl para estragar o melhor dia da minha vida. Estava com ciúmes, era o que era. O melhor era esquecer-la e começar a preparar o meu discurso. Olhei de relance para o relógio, pela enésima vez: o Mason devia estar a fazer a comunicação em breve. Os meus comentários seriam breves e simpáticos, decidi.

— Aqui está a tua bebida — disse o Matt assim que me aproximei.

Estendeu-me um copo de champanhe fresco e bebi um trago. Não me soube tão bem como o que tinha bebido minutos antes. Quando ergui o olhar para o Matt reparei que tinha o sobrolho franzido. Mas não estava a olhar para mim; algo do outro lado da divisão captara a sua atenção. Segui o seu olhar.

Estava a olhar para o Mason.

— O que é que se passa? — perguntei-lhe.

O Matt não me respondeu.

Virei-me para olhar melhor para o Mason. Estava a andar de um lado para o outro num canto da sala, digitando com firmeza no telemóvel.

Passou a mão livre várias vezes pela careca, como se tentasse acalmar um cão agitado ao afagá-lo. O seu ar alegre e satisfeito desaparecera por completo. Parecia um homem em pânico. Os seus olhos grandes perscrutaram a sala, mas quando se cruzaram com os meus baixaram para o chão.

Como se não fosse capaz de me encarar.

— Matt? — perguntei, sentindo o chão mexer-se debaixo dos meus pés. A minha voz soou algo estrangulada.

Agora o Mason estava a gritar algo ao telefone, mas a música estava tão alta que não conseguia ouvi-lo.

— Está tudo bem — disse o Matt, pousando uma mão quente no meu ombro. Não me tinha apercebido de quão fria estava. — Deve estar a falar com algum cliente doido.

— Oh, parece que a comida está pronta — disse a Pammy. — Hum, folhadinhos de salsicha. Vamos buscar um prato?

— É só mais um bocadinho — replicou o Matt, sem tirar os olhos do Mason. Agora um dos fundadores da nossa agência, o Sr. Dunne, atravessava a sala na direção do Mason a toda a velocidade. Os dois começaram a gesticular freneticamente e, num gesto sincronizado, voltaram-se para olhar para mim.

— O que é que se passa? — sussurrei. Senti um vômito assomar-me à garganta.

— Vai correr tudo bem — disse o Matt em voz baixa e eu tentei desesperadamente acreditar nele. Tinha a sensação de estar a ver um filme de terror em que a heroína estava prestes a descer uma escadaria pouco segura que dava para uma cave às escuras. A Cheryl estava a ser demasiado arrogante. O Mason parecia demasiado perturbado. Agora o Mason tinha passado o telemóvel ao Sr. Dunne, que estava a falar. Algo negativo estava prestes a acontecer, o assassino estava na cave.

Oh, meu Deus, porque é que eles estavam a caminhar na direção da Cheryl?

O Sr. Dunne estava a apertar a mão à Cheryl e ela sorria. Havia algo no seu sorriso...

— Preciso de... — Não consegui proferir as últimas palavras. O meu estômago estava às voltas. Apressei-me até à casa de banho e abri a porta do cubículo mesmo a tempo. Não comera grande coisa o dia todo, pelo que a única coisa que caiu dentro da sanita foi champanhe.

— Lindsey? — A Pammy tinha vindo atrás de mim. — Oh, não! Não me digas que estás mesmo grávida?

— Devo ter comido sushi estragado ao almoço — menti, puxando o autoclismo e fechando a tampa da sanita. Em seguida, sentei-me em cima dela. Tinha as pernas a tremer tanto, que duvidava que me aguentasse de pé.

— Queres que te vá buscar um pouco de água? — perguntou-me. — E umas tostas?

— Boa ideia — respondi, numa voz rouca. Não me imaginava a comer fosse o que fosse, mas isso fá-la-ia ir-se embora, deixando-me sozinha para combater o pânico que sentia. Precisava de me acalmar; eu tinha muito jeito para me acalmar. E também tinha muito jeito para resolver coisas. Iria resolver isto, fosse o que fosse.

Mas o que é que estaria a acontecer?

Em termos lógicos, sabia que podiam existir mil justificações. Talvez o Matt estivesse certo; talvez um cliente importante estivesse a ser difícil. Talvez o Mason e o Dunne tivessem olhado para mim porque estavam a pensar passar-mo, mas depois tenham decidido passá-lo à Cheryl. Era o mais certo. Eu tinha a certeza de que só podia ser isso.

Não era isso.

Sabia-o com uma certeza firme e impressionante. Algo importante estava prestes a acontecer, algo terrível. O que é que a Cheryl teria tramado? A minha mente trabalhava a cem à hora enquanto eu avaliava todas as possibilidades. Não podia ter-se metido na votação da agência. O Mason já me tinha dito que eu conseguira a posição de vice-presidente. O cargo era meu.

Ou não era?

— Aqui tens a tua água, Lindsey — disse a Pammy, regressando à casa de banho. — Aquele tipo careca andava à tua procura, mas eu disse-lhe que estavas na casa de banho. Mas não lhe disse que estavas a vomitar. Agora está a fazer um discurso qualquer, disse que falava contigo depois.

Destranquei a porta do cubículo e saí, uma esperança pateta e histérica a crescer dentro de mim, qual balão. Estaria eu enganada? Seria possível que o champanhe me estivesse a deixar paranoica? O Mason estava a fazer o seu anúncio; tudo estava a correr como previsto. E tinha estado à minha procura. Isso só podia ser bom sinal, certo? Lavei a boca com água e passei a mão pelo cabelo.

— Obrigada, Pammy — respondi, aceitando a água e as tostas que ela me estendia.

Ouvia o Mason a falar, mas as paredes da casa de banho distorciam as palavras.

— Vamos lá para fora? — perguntou-me ela.

— Dá-me só um minuto — retorqui. Enfie a mão na mala e apliquei uma camada de *Cherrybomb*. Respirei fundo e fitei o meu reflexo no espelho por uns instantes, reunindo todas as minhas forças até me sentir preparada.

— Ei! — O Matt estava parado à porta da casa de banho.

A seguir encaminhou-nos até ao local de onde viera. O Mason encontrava-se na cabina do DJ, a falar ao microfone, enquanto toda a gente se reunia na pista ao seu redor. A Cheryl estava à frente, ostentando um sorriso imenso. Nós estávamos agora a uns metros ligeiramente para o lado, de onde se via quer o Mason quer a multidão.

— Perdi alguma coisa? — sussurrei.

— Por enquanto nada — respondeu-me o Matt.

O Mason continuava a falar:

— Foi realmente uma decisão difícil para nós, uma das mais duras que já tivemos de tomar...

Meu Deus, despacha-te lá com isso, supliquei-lhe na minha mente.

— Um trabalho excecional este ano, e todos os anos desde que começou a trabalhar na nossa agência...

— O Mason disse-te porque é que andava à minha procura? — perguntei ao Matt.

Ele abanou a cabeça.

— Como é que ele te pareceu? — sussurrei.

O Matt inspirou devagar e olhou-me nos olhos.

— Não sei bem — respondeu-me. — Algo não bate certo.

Fechei os olhos e disse uma oração simples e fervorosa: *Por favor*. A tensão era insuportável. O meu estômago recomeçou às voltas.

— E hoje foi a cereja no topo do bolo. A Cheryl não só conseguiu o contrato com a Gloss como também impressionou o Stuart Fenstermaker de tal forma que ele telefonou-me há pouco a dizer que iria entregar a publicidade de todos os seus produtos à Richards, Dunne & Krantz. Não só da Gloss como também das suas outras sete firmas. Esta manhã, enquanto toda a gente tomava o pequeno-almoço, a Cheryl conseguiu

um contrato de cinquenta milhões de dólares. Nada mau para um dia de trabalho.

Não.

— Tenho o prazer de anunciar que a Cheryl David é a nossa nova vice-presidente. Cheryl, importa-te de vir aqui acima...

O Matt estava parado ao meu lado. A sua mão pousou novamente no meu ombro.

— Respira fundo — sussurrou-me ao ouvido. — Inspira devagar.

Segui as suas instruções, qual robot. Aquilo era um pesadelo. Dali a um minuto iria acordar, ergueria a cabeça da secretária e veria o bilhete da Donna.

Cabeças começaram a virar-se. Estariam à minha procura, para verem como é que iria reagir? Num gesto instintivo dei um passo atrás, ficando encoberta pelo Matt.

A Cheryl aceitou o microfone que o Mason lhe estendia e deixou-se ficar parada a sorrir, enquanto uma chuva de aplausos caía como confetes à sua volta. As bolas de espelhos projetavam pequenos arco-íris sobre os seus ombros dourados despídos e o rosto erguido. Nunca a tinha visto tão bonita.

— O Mason está a vir nesta direção — disse o Matt. Falou numa voz lenta e carinhosa, como quando nos dirigimos a alguém que acabou de sofrer um acidente de viação: «Sabe como é que se chama? Sabe quem é?».

— Queres que te vá buscar uma bebida? — perguntou o Matt.

«Muito obrigada», começou por dizer a Cheryl.

— Não me deixes sozinha — supliquei ao Matt.

— Estou aqui — respondeu-me ele.

— A Cheryl é a nova vice-presidente? — indagou a Pammy, franzindo o nariz. A sua voz soou demasiado alta, resvalando dentro da minha cabeça. — Então são as duas vice-presidentes?

A minha mente abrandou, qual brinquedo mecânico cuja bateria estava a falhar. Mal conseguia compreender o que as pessoas estavam a dizer. As bocas mexiam-se, mas as palavras não faziam qualquer sentido.

— Lindsey.

Era o Mason. Estava parado diante de mim, ainda a passar a mão pela cabeça.

— Meu Deus, lamento imenso. Podemos ir até ali conversar um bocadinho? — perguntou. Acenei com a cabeça, sem dizer uma palavra.

Foi preciso um esforço de concentração tremendo para conseguir mexer um pé atrás do outro e segui-lo até ao canto da sala. Tratava-se do mesmo canto onde antes me dissera que eu tinha conquistado a vice-presidência. Os mesmos pufes. Os mesmos candeeiros de lava. Como é que podia ser tudo igual, como se o mundo não se tivesse dobrado ao meio e virado tudo do avesso?

— O Fenstermaker ligou há cerca de 15 minutos — disse o Mason. Estava a olhar-me para o ombro esquerdo, em vez de me olhar diretamente nos olhos. — Ofereceu-nos todo o seu negócio. A Cheryl deve ter-lhe dado uma grande volta à cabeça. Depois ela ameaçou ir-se embora para outra agência e levar os contratos dele caso não lhe fosse oferecida a vice-presidência. Ela colocou-nos entre a espada e a parede. Tivemos de fazer uma votação de emergência. Ganhou-te por um voto.

Voltei a acenar com a cabeça, como se tudo aquilo fizesse imenso sentido.

— Tu merecia-lo — disse o Mason. — Ainda assim, mantiveste o meu voto.

Ele estava a tentar fazer-me sentir melhor. Estava a dar-me batatas fritas a mais.

— Continuas a ter um bom futuro connosco — disse o Mason. — Um excelente futuro. Daqui a uns anitos, quem sabe?

Tentei dizer alguma coisa, mas não consegui. A minha garganta tinha-se fechado.

— Tenho de voltar lá para cima — disse o Mason. — Ficas bem?

Abanei a cabeça. Eu estava bem; só sentia um pouco de frio.

— Falamos mais tarde — disse o Mason. — Vamos almoçar juntos amanhã. Havemos de resolver alguma coisa.

Ele afastou-se e foi então que me apercebi: os rostos dos meus colegas estavam a virar-se na minha direção, somente alguns a princípio, mas depois mais e mais, como adeptos num estádio a fazerem a onda. A Cheryl acabara de falar e o Mason ainda estava a caminhar em direção ao palco. A sua movimentação atraía a atenção de toda a gente. Eu sentia-me tão exposta como se estivesse ali espedada completamente nua. Toda a gente me fitava, os rostos revelando curiosidade ou pena. Toda a gente sabia que eu falhara, que não era suficientemente boa.

Olhei freneticamente à minha volta e avistei uma saída de emergência. Nem sei como é que lá cheguei, mas devo ter desatado a correr

porque de repente estava a transpor a porta e a sair para o passeio, onde um pedinte se encontrava sentado em cima de uma grade de garrafas de leite virada ao contrário, agitando as moedas dentro de um copo de plástico, uma fila de pessoas esperava à porta de um restaurante e um carro travava no cruzamento no preciso instante em que o semáforo mudava para o vermelho. Onde a vida decorria como de costume, apesar de a minha ter acabado de se fragmentar em milhões de estilhaços afiados.

**Lindsey e Alex são irmãs gémeas.
Têm os mesmos genes, as mesmas raízes,
mas não podiam ser mais diferentes.**

Desde que se lembra, Lindsey, de 29 anos, tem vivido na sombra da sua linda e encantadora irmã gémea, Alex, lutando para evitar ser a eterna segunda. Determinada em conquistar o seu lugar, Lindsey dedicou a sua vida ao trabalho e à carreira, e está finalmente prestes a conseguir a grande promoção com que sempre sonhou. Mas um erro impulsivo leva a que todos os sonhos de Lindsey se desmoronem. Humilhada, não lhe resta outra alternativa senão recuar no tempo e refugiar-se na casa dos pais.

Mas o regresso a casa traz uma amarga surpresa: a irmã Alex não só se vai casar com um Príncipe Encantado, como tenta seduzir descaradamente um amigo de infância de Lindsey, o único que sempre a preferiu. É como se o mundo desabasse pela segunda vez em poucos dias.

Enquanto Lindsey tenta recuperar a sua carreira, um antigo segredo de família é revelado, forçando as duas irmãs a repensarem a sua relação.

**Um romance que explora as relações que nos definem
e os laços complicados mas insubstituíveis entre irmãs.**

«Terno, inteligente e divertido.»

Cosmopolitan

«Original, encantadora... Uma história entre
o cómico e o comovente.»

Booklist

DA MESMA AUTORA:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8831-91-0



9 789898 831910

Romance Feminino